

A close-up photograph of a man and a woman in formal attire. The man, on the left, has a beard and is wearing a black tuxedo with a white shirt and a black bow tie. The woman, on the right, is wearing a black sleeveless dress and has her arm around the man's shoulder. She is wearing a large, ornate bracelet and a long, dangling earring. The background is dark and out of focus.

ALINE PÁDUA

*Amada pelo*  
**CEO**



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ALINE PÁDUA

*Amada pelo*  
**CEO**

PERIGOSAS ACHERON

COPYRIGHT 2019 © ALINE PÁDUA

1º edição – junho 2019

TODO O ENREDO É DE TOTAL  
DOMÍNIO DA AUTORA, SENDO TODOS OS  
DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA  
QUALQUER FORMA DE REPRODUÇÃO  
TOTAL OU PARCIAL DA OBRA, SEM  
AUTORIZAÇÃO PRÉVIA E EXPRESSA DA  
AUTORA.

PERIGOSAS NACIONAIS

**QUALQUER SEMELHANÇA COM A  
REALIDADE É MERA COINCIDÊNCIA.**

**ILUSTRADORA:** Mari Sales

**REVISÃO:** Gabriela Ferraz

PERIGOSAS ACHERON

# Sumário

[Dedicado a](#)

[Sinopse](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

# PERIGOSAS NACIONAIS

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[Bônus](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[Epílogo](#)

[Contatos da autora](#)

# PERIGOSAS ACHERON



## Dedicado a

**Hilana Silva e Kamila Marques**, por sempre me acompanharem em cada ideia mirabolante, e mais, me apoiarem e serem sinceras, seja no drama ou na leveza;

**Danielle Martins**, que poderia mudar o nome para Chiara facilmente (a gente entende rs). Obrigada por ter se voluntariado dessa forma e me ajudar a tornar o caminho até o final de cada capítulo ainda mais satisfatório;

**Mari Sales** por ter me dado apoio em um

momento decisivo, sem sequer conhecer o teor da história;

**M**eus leitores, novos e antigos, por darem uma oportunidade a história. Espero que Chiara e Cael possam conquistá-los.

## Sinopse

Uma reviravolta de sentimentos e declarações surge na vida de Chiara, e ela acaba por fazer sua escolha. Embarcar em um relacionamento sério nunca lhe pareceu tão difícil, e, aos poucos, ela percebe fatores que não tinha considerado: insegurança, ciúme e ideais diferentes. Além da surpresa mais inesperada: uma gravidez.

*“Viver com a rejeição parecia muito mais*

*fácil do que estar em um relacionamento e ser amada.”*

“Amada pelo CEO” é a sequência de “Rejeitada pelo CEO”.

## Prefácio

“Começamos a caminhar, explorar, observar o mar, como de costume. Quando percebi já estávamos ali, só eu, você, o mar, as pedras e as estrelas, como de costume. Ficamos ali, admirando o céu em silêncio durante um tempo, como de costume. E de repente, você mais uma vez usou a sua boca para proferir as palavras que estavam no meu pensamento, como de costume. A certeza de querer somar, de querer compartilhar momentos, de ser feliz junto, era mútua. Por isso, nos rotular, não era mais uma questão. Nunca antes um rótulo me soou tão libertador. E seguimos assim, livres para ser, ou deixar de ser, o que a gente quiser.”<sup>[1]</sup>

PERIGOSAS NACIONAIS

**Agatha Moreira**

PERIGOSAS ACHERON

# Prólogo

o porquê de te querer

*Chiara*

— Ah por favor. — fiz um gesto de reverência e Cael sorriu de lado, encostando-se no balcão de mármore que separava a cozinha da sala de estar. — Não me agradeça tanto.

— Você comentou o meu nome na postagem do vídeo! — acusou-me, mas era possível notar o tom de deboche em sua voz.

Ele bebia um pouco de suco, enquanto eu estava sentada, ainda me deliciando com uma maravilhosa porção de batatas fritas. Oferecimento de Cael Marini e batatas congeladas na air fryer. Nenhum de nós era bom na cozinha e sabia bem daquilo, portanto, nem mesmo no nosso namoro de dois dias, tínhamos nos surpreendido sobre algo. O conhecia há dois anos e era um fato que não mudava apenas com um rótulo.

Cruzei os braços sobre meus joelhos,



sentada da forma mais confortável. Vestia uma roupa simples, shorts jeans e uma blusa preta de mangas. Casual, comum, normal, ordinário... Era como se estivesse enumerando os adjetivos a serem empregados na forma como estava à frente dele. Já estivemos ali, daquela mesma maneira várias vezes, porém, nunca me pareceu tão real. Não era pelo rótulo, tinha certeza. Mas sim, pelo olhar que ele me entregava, assim como, as palavras abertas de repente.

Ele me amava.

Suspirei, levando outra batata a boca, ainda sentindo aquele mar azul profundo reverberar por todo meu corpo. Permanecia presa

nele, como se finalmente, depois de todo o tempo longe, pudesse entender que fora uma necessidade. Um tempo para aprendermos que queríamos de fato um ao outro. Principalmente, para Cael.

— Quieta. — sua voz soou mais baixa, como uma constatação. Ele se moveu, deixando o copo sobre o balcão. Em poucos passos, parou a minha frente, agachando-se de forma que ficamos com os rostos quase colados. — O que passa nessa cabeça maluca? — tocou minha bochecha e senti o carinho que nunca imaginei que de *fato* teria. Não dele.

Queria não me sentir importante por ter

me tornado importante para ele. Porém, era um caminho difícil. Eu me amava, completamente. Mas será que sabia ser amada por alguém? Nunca fizera tal coisa e pelo que sabia, Cael muito menos. Como poderíamos passar de um caso para amor? Nunca pareceu simples, e viver de fato aquilo, em pouquíssimo tempo, mostrava-me que todas minhas paranoias andariam lado a lado.

— Talvez criar um Instagram para o CEO pisado no vídeo e compartilhar várias fotos minhas, com ele sendo ignorado e legendas escandalosamente fofas. — provoquei, tentando sair daquela névoa de insegurança que me atingia. Porém, por dentro, ainda me indagava de um

milhão de coisas.

— Se passar por mim e pisar com gosto?

— indagou e seus dedos foram para meu cabelo, colocando-os atrás da orelha. Aquele gesto tão comédia romântica que me fez suspirar. Ali via a grande diferença do passado para o agora. Não fingia mais que não sentia.

— Qualquer cara ficaria bravo com isso, até mesmo, chamaria de humilhação. — comentei e ele deu de ombros, como se realmente não se importasse. — Ainda mais comigo colocando lenha na fogueira.

Cael soltou uma risada baixa e desviou a mão de meu cabelo até as batatas sobre a mesa.

Levou uma a boca e parecia pensar em algo muito engraçado, pois seu olhar o entregava.

— Gosto disso, Chia. — deu de ombros e piscou um olho, como se aquela duas palavras explicassem o óbvio.

Talvez o meu ascendente em *peixes* não colaborasse, e simplesmente, não conseguia entender onde queria chegar.

— Do que exatamente? — meu lado virginiano praticamente gritou. Além de, o lado paranoico. — De ter vídeos de pedidos de namoro negados em redes sociais?

Ele gargalhou mais alto, e fiquei apenas o analisando por alguns segundos. Ele era lindo e o

## PERIGOSAS ACHERON

via claramente há seis anos. Porém, ali, via além. Não era apenas o físico que me tirava o fôlego, era a forma como a minha maluquice parecia combinar com sua mesmice. Cael era o meu oposto na vida pessoal. Enquanto que fora da empresa, tudo que me resumia era o caos, ele permanecia no *modus operandi* de centrado e correto.

Cael não era o tipo de homem completamente avesso a sorrisos e pessoas. Ele era bom socialmente, mas aquela versão despojada e sem qualquer escrúpulo fora da cama, era algo que me deixava perdida. Uma versão que sentia que ele entregava aos poucos, e em dois

dias, o vi tão mais relaxado que senti que acabara aceitando namorar o homem que estava escondido dentro de si. Sem ao menos saber. Talvez fora aquele além que enxergara sobre ele, que me fizera cair tão perdidamente.

O pedido repentino de namoro não era algo costumeiro de Cael. Aquele lado 1% maluco, era com o qual começava a aprender a lidar. No fundo, sabia o quanto aquilo me fazia estar ainda mais apaixonada.

— Na verdade, de você. — suas palavras me pegaram de surpresa e parei o movimento com a mão direita em direção a batata. — Confesso que pensei que as coisas não seriam

diferentes. Mas é tão louco como tudo pareceu mudar depois que percebi que sou apaixonado por você. A sensação de te amar é algo que não sei explicar, e gosto disso, Chia.

— O que *tá* acontecendo? — perguntei, impactada com sua fala, levantando-me em seguida. Cael fez o mesmo e sorriu, enlaçando minha cintura. Como em automático, fizera o mesmo com ele, só que no pescoço. Era como se ele já entendesse minhas confusões. — Por que não consigo parar de pensar e sentir o mesmo?

— Porque você me ama e eu te amo, Chia. Simples assim. — desceu os lábios para os meus, dando-me um leve beijo. — Aliás, tenho muito o



que provar daqui por diante.

— E pode começar agora.

Ele sorriu e fez o mesmo, sem me conter. Por um segundo, deixei todo milhão de coisas que me atormentavam de lado. Apenas aceitei ser amada por ele.

# 01

inesperado

*Chiara*

Alguns dias depois...

Pânico.

Forcei um sorriso assim que peguei o envelope em mãos e saí da clínica o tão rápido

quanto entrei. Respirei fundo, assim que cheguei na calçada, ao mesmo tempo que tentava me manter em pé. A maioria das pessoas dizia que a vida toda poderia passar por sua mente em um milésimo de segundo na hora da morte, no meu caso, acontecia ao encarar o envelope ainda lacrado.

Levei uma mão a testa e tentei entender em que momento aquele 1% do anticoncepcional pareceu se tornar tão real. Andei a passos tortos até meu carro e agradei por meu primeiro dia no novo trabalho ter sido apenas de apresentação ao pessoal e minhas respectivas funções. Estava uma pilha de nervos desde quando fizera aquele

exame, logo de manhã, e mesmo sabendo que sairia no mesmo dia, a espera se tornou uma tortura. Na realidade, o dia passara como uma simples visão.

Era como se tivesse absorvido tudo o que fora apresentado sobre a AIA Cosméticos, assim como, minhas funções como assistente executiva de Heitor Almeida. Não saberia dizer se minha cara de desespero fora evidente, mas acreditava que não, a base que usava ainda fazia alguns milagres junto a um batom nude e um rímel poderoso. Ao menos, esperava ter parecido de corpo presente. Minha alma e pensamentos, no entanto, estavam no papel em mãos.

Fechei a porta do carro e parei alguns segundos, refletindo sobre o que deveria fazer. *Abriria ali, longe de todos, e principalmente de Cael?* Joguei o envelope sobre o banco do carona e levei as mãos aos cabelos, levantando-os para cima, sentindo-me a ponto de pirar com aquela simples desconfiança. O ciclo maluco de confissão de amor de Cael, junto a entrevista de emprego, o fim de semana e uns dias a mais na casa de minha mãe... Tudo pareceu me deixar dentro de uma bolha, sem que me tocasse em como minha menstruação ainda não tinha dado as caras.

Justamente na volta para São Paulo,

enquanto tagarelava com Noctis e ele me ignorava, peguei-me encarando seus olhinhos azuis assim que estacionei para abastecer. Sorria de minha loucura de imaginar que Cael poderia ser um bom pai para ele, pelos olhos da mesma cor. *O quão maluca era aquela divagação?* A realidade, era que isso me dera um estalo, e foi quando percebi que o mês já tinha virado e passara do dia que deveria estar menstruando.

— *Esses olhos azuis não são mesmo meus.*

— *provoquei Noct, que parecia querer me matar, ou melhor, arranhar-me toda, por estar naquela viagem de carro mais uma vez. Porém, via o quanto ele amava o destino e estar com mais*

*gente em casa, então, sempre o trazia. Ele fechou os olhinhos, claramente, ignorando-me. — Parecem os olhos de Cael. — suspirei, ao lembrar do CEO devastador que me esperava.*

Era estranho ter alguém para quem voltar, mesmo que há tão pouco tempo. Cael praticamente me intimou a passarmos a noite juntos antes de meu primeiro dia no novo emprego, mesmo que discordasse completamente de me ver seguir outro rumo que não fosse ao seu lado na Marini. Entretanto, não era uma discussão aberta. Além de tudo, Cael sabia que não abria mão daquilo que queria. Se queria trabalhar em outra empresa e tivera tal oportunidade, não

abriria mão.

A Marini me ensinou muito, porém, queria me reencontrar em outro lugar. Ainda mais, depois de tudo que ocorrera. Minhas inseguranças a respeito dos sentimentos de Cael, e principalmente, suas ações, ainda me atormentavam. Era uma chance para nós, porém, nada era certo. Então, seguir um caminho diferente, ao menos na carreira, fazia-me sentir que sabia onde pisava.

Naquele momento, sequer sabia se estava mesmo dentro de meu carro ou em algum sonho nada apropriado. Uma conversa com meu gato, ou melhor, filho, fez-me perceber que poderia



## PERIGOSAS NACIONAIS

estar esperando um irmão humano para ele. Passei a mão pela calça social, já completamente amassada. Era como se não conseguisse controlar mãos e respiração. Meu coração estava a ponto de sair pela boca.

Ninguém sabia sobre o que fazia ali, nem mesmo comentei com minha irmã. A desconfiança bateu, e no mesmo instante, no posto de gasolina, mandei mensagem para uma amiga que trabalhava naquela clínica e já marquei o exame para o horário mais cedo. Ali estava eu, de frente para o papel que parecia um trator preparado para passar sobre meu corpo.

Não saberia dizer o que *mais* me assustava

## PERIGOSAS ACHERON

em tudo aquilo. Se o fato do 1% poder se tornar uma vida ou o de que com certeza estava grávida há semanas e não percebera absolutamente nada. Pior, por ter bebido tudo e todas naquele período. *Como pode sentir culpa sobre a vida de alguém que sequer tinha certeza que realmente estava em mim?*

Na verdade, ainda nem havia lido o resultado e já me culpava sobre. Suspirei, ao me pegar no flagra, tocando a barriga. Ganhei alguns quilos nos últimos tempos, mas acreditei que se devia ao fato de passar os dias com minha família. Aproveitei que o apetite voltara e desandei em toda comida maravilhosa da padaria,

além das mãos de fada de minha irmã no almoço e jantar. Não imaginava que poderia se dever a algo *mais*.

*Vamos lá, Chiara!*

Peguei o envelope em mãos, e percebi o quanto tremia. De repente, era como se nada além importasse. Suspirei profundamente mais uma vez e tirei o lacre, pegando o papel com o resultado. Antes de o desdobrar, fechei os olhos, e imaginei como tudo mudaria em um piscar de olhos se estivesse escrito *positivo* ali. Porém, prometi a mim mesma que tentaria ficar calma e não pirar com todas as probabilidades que surgiriam.

Desdobrei o papel, ainda sem encará-lo, e percebi que precisava o fazer quando segurei com força demais, e senti um pedaço de sulfite sair em minha mão direita. Abri os olhos e varri cada pedaço, buscando, rapidamente, o resultado que estava em negrito segundo a recepcionista.

## **POSITIVO**

Um sorriso enorme se abriu em meu rosto e não tinha explicação. Talvez pânico ou felicidade, quem sabe uma mistura dos dois. Minha respiração se perdeu ainda mais e não conseguia entender por onde começava, a não ser,

PERIGOSAS ACHERON

que estava a um passo de pirar por completo. Não era algo que esperava, nem mesmo no plano de cinco anos futuros de minha vida. Porém ali estava, o meu piscar de olhos que mudara completamente o resto de minha vida. De *nossas* vidas.

Foi ali que soube qual seria a segunda parte mais difícil depois de encarar aquele papel – contar a Cael sobre.



Se abrir o resultado sozinha em meu carro fora uma luta tanto interna quanto externa, adentrar a Marini Tecnologia depois de todo aquele período longe, transformou-se em uma batalha que não esperava. Existiam tantas coisas se passando por minha mente, ainda mais, o fato de que Cael poderia duvidar da paternidade daquela criança. Há poucos dias, sequer estávamos nos falando e pensei que nunca mais o faríamos. Há semanas, tínhamos um caso aberto, ou seja, ele poderia acreditar que fosse de outro homem. Por mais que pudesse querer socar sua cara se me pedisse um teste de DNA, sabia que ele tinha tal direito. Porém, no fundo, torcia para

que minha palavra fosse o bastante. Afinal, se ele não confiasse no fato de que nos últimos dois meses juntos não dormi com ninguém mais, como poderíamos ficar juntos?

*Respira e afasta a paranoia, Chiara!*

Minha mão tremia, e senti que poderia desmaiar a qualquer momento. Os andares pareciam não passar. Suspirei profundamente, amassando o papel em mãos, sem mais conseguir me segurar. Era como se fosse surtar ainda mais naquele momento ou até mesmo pelos próximos meses.

*Muitos meses!*

A caixa de metal finalmente parou e as

## PERIGOSAS ACHERON

portas se abriram. De relance, consegui ver Anne Liv e Leonardo, claramente, iriam adentrar ali. Dei-lhes um aceno com a cabeça, mas não consegui falar nada. *Absolutamente nada saiu de minha boca.* Com certeza, estranharam a forma como passei como furacão dentre os dois e rumei em direção a sala de Cael. Se fosse para surtar, ele o faria comigo.

Só conseguia pensar em gritar. *Nós estávamos juntos ao que?* Seis anos dede que coloquei meus olhos nos seus. Dois anos de um caso. Alguns poucos dias em um namoro. Levei as mãos a testa, e pude sentir o suor brotar. Estava tendo uma síncope, só poderia. Olhei para minha



antiga mesa e seu novo assistente não se encontrava, o que agradei internamente. Abri a porta sem sequer bater, e no mesmo instante, olhos azuis vivos bateram nos meus. O semblante fechado deu lugar a um sorriso enorme, e ele se afastou da mesa. Enquanto eu estava a ponto de surtar, ele parecia me encarar como seu sol.

Andei até ele, e parei à frente da mesa, abrindo a boca para falar, mas nada saiu. Parecia ter ficado muda momentaneamente.

— O que está aprontando? — indagou, e se levantou da cadeira, dando a volta no móvel que nos separava.

Senti suas mãos em minha cintura, mas

não consegui encará-lo. Era como se estivesse presa em um universo paralelo e pudesse ver Noctis a minha frente, julgando-me como uma péssima mãe por não o preparar. E mais, julgava-me pelo fato de ter bebido todas nos últimos tempos.

— Disse que não ia aparecer aqui porque isso nos daria ideias... — o tom provocativo de Cael não me passou despercebido, e suspirei, no momento que seus lábios encontraram meu pescoço. — Mudou de ideia e resolveu que vamos estreitar essa mesa?

A simples insinuação de sexo quente no escritório, apenas me remeteu ao papel que quase

se desfazia em minhas mãos.

— O que foi? — seu tom mudou, e senti que me analisava. — Não parece que veio me surpreender aqui... O que está acontecendo, Chia? — um de seus dedos tocou meu queixo e o levantou levemente, forçando-me a encará-lo.

— Eu... — ao menos uma palavra saiu, e respirei profundamente, antes de conseguir mentalizar e completar. *Vamos lá, Chiara!* — Estou grávida!

Fechei os olhos, sem saber o que esperar. Só conseguia me perguntar: *como nos tornaríamos pais do dia para noite?* Na verdade, tinha ainda muitos meses para nos prepararmos.

Grávida de um tanto de semanas que não tinha ideia, e contando...

Era de exatas, um fato incontestável, porém, tornou-se completamente inútil quando tentei forçar a conta de minha última menstruação até as semanas descritas naquele papel branco. Queria conseguir articular algo além das semanas que não entendia. Porém, senti meu corpo fraquejar. Era o que acontecia quando tentava misturar biológicas a exatas, perdia-me por completo. De repente, perdi-me de fato. Meu corpo pareceu cair e apenas sussurrei o que pude.

— Eu vou...

Se o resto da frase saiu, sequer sabia.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Apenas me deixei ir, em meio ao mar de dúvidas sobre semanas de gravidez e explicações. Naquele momento me lembrei porque odiava tanto perguntar a grávidas sobre o tempo e gestação. Contagem de semanas não era algo que conseguia entender, e o ápice fora desmaiar por aquilo. Ou melhor, querer acreditar que desmaiava por tal motivo.

## PERIGOSAS ACHERON

## 02

o que tenho de nós

*Cael*

A visão de Chiara em minha sala era uma bela surpresa. Tudo o que precisava diante do dia infernal que vinha se passando. Problemas em outras filiais, assim como, em contratos que já deveriam estar assinados. O dia não podia estar

pior, mas felizmente, a sua presença o melhorava.

Entretanto, ao contrário do que imaginei, ela não estava ali com segundas intenções, ou simplesmente, para me ver. Notei no instante em que seu corpo endureceu sob meu toque e ela parecia a ponto de simplesmente explodir. Só não conseguia entender o que de fato acontecia e porque agia tão estranho.

— O que foi? — analisei-a, tentando desvendá-la. — Não parece que veio me surpreender aqui... O que está acontecendo, Chia? — levei meus dedos até seu queixo e o toquei, levantando-o levemente, para que me encarasse.

Chiara parecia fugir de algo, e a última

vez que a vira de tal forma, fora na noite em que se declarou. Só poderia ser algo equiparado aquilo. Meu coração disparou e tentei me manter calmo. Apenas uma coisa se passava por minha mente: *ela ia terminar comigo.*

Respirei fundo e esperei mais um pouco, encarando-a profundamente, torcendo para que estivesse apenas louco e inseguro por alguns instantes. *Ela não ia querer terminar em tão pouco tempo? Ou ia?*

— Eu... — começou a falar e pausou, respirando profundamente. — Estou grávida!

Senti meu coração quase pular da boca e arregalei os olhos. De tudo que esperava sair de



sua boca, nem de longe, imaginava aquelas duas palavras. Chiara parecia em choque e fechou os olhos, como se fugindo de mim. Levantei uma mão, pensando em puxá-la para perto e lhe acalmar. Porém, senti-me estático no primeiro instante.

*Íamos ser pais!*

Desci meu olhar para sua barriga ainda sem sinal de alguma mudança e comecei a imaginar em como a mesma ficaria grande nos próximos meses. Passei as mãos pelos cabelos, nervoso, e tentando encontrar as palavras certas para dizer. Estava perplexo, mas ao mesmo tempo, feliz com a notícia. Ser pai sempre fora

um sonho, e pretendia realizá-lo em algum momento após os quarenta, quando começasse a deixar de priorizar a empresa.

Mas ali estávamos. Eu, Chiara e um bebê a caminho.

Notei a forma como tentou se segurar no nada, e de repente, uma de suas mãos pairou sobre meu peito. Seus olhos ainda fechados e notei o quanto parecia além de abalada. Circulei sua cintura, porém, Chiara sequer parecia me sentir.

— Eu vou...

Sua fala soou como um sussurro e no segundo seguinte, seu corpo cedeu sobre o meu.

O pânico se instalara em mim, pois eram dois momentos completamente inusitados. O segundo, completamente assustador. Levantei-a em meu colo e a levei diretamente ao sofá cinza do lado esquerdo da sala. Deitei-a com cuidado sobre as almofadas e verifiquei sua pulsação. De alguma forma, o curso de primeiros socorros que fora obrigado a fazer por minha irmã, teve alguma valia.

Encarei por um segundo o corpo desacordado de Chiara e notei que, felizmente, respirava regularmente. Tentei conter meus medos, mas corri até o celular sobre a mesa, discando o número do médico de confiança da

família no mesmo instante. Caso ele não pudesse vir, a levaria para o hospital no segundo seguinte.

A porta de minha sala se abriu de repente, enquanto ainda tentava a ligação para o médico. Anne Liv adentrou o ambiente e praticamente correu para Chiara. *Tu, tu, tu...* a ligação ainda não era atendida, e levei a outra mão a gravata, afrouxando-a. Sentia-me sufocado, ainda mais, por ver o estado que Chiara ficou diante de termos um filho.

*O que a levaria aquilo?*

— O que aconteceu? — a voz de Anne Liv soou, no mesmo instante que minha ligação fora direto para caixa-postal. Não pensei duas

vezes e já discaria o número de uma ambulância.

No segundo seguinte, senti a proximidade de minha irmã e seu toque em meu ombro. Ela parecia notar minha apreensão e a realidade era que não sabia o que fazer. Chiara estava grávida e desmaiada em meu sofá. Nunca esperaria uma reviravolta tão grande ao fim de uma tarde de estresse na empresa. O que se passava por minha mente era o quanto aquilo poderia prejudicar o bebê, e ainda mais, a forma como ela parecia perdida.

— Ela...

— O que aconteceu?

Parei de falar no mesmo instante, diante

do resmungo quase inaudível. Praticamente corri até Chiara, deixando o celular sobre a mesa e ajoelhando-me ao lado do sofá. Toquei suas mãos, ajudando-a a se sentar, enquanto parecia se acostumar novamente com o lugar em que se encontrava.

Soltei o ar que sequer sabia que segurava e me levantei. Anne Liv apareceu do meu lado e se sentou com Chiara, que parecia analisar tudo ao redor.

— Desmaiei? — indagou de repente, e notei uma versão de Chiara que mal conhecia — frágil.

Ela sempre se mostrou e portou como uma

mulher decidida e confiante. Um dos pontos que mais me atraía nela, o fato de não se importar com a opinião alheia e sempre dar o seu melhor como profissional. Porém, sabia que a parte humana, que todos temos, que sempre tende a nos puxar um pouco para baixo, também a assombrava. Para minha surpresa, estar grávida, parecia ser algo que a deixava sem eira nem beira.

Contudo, não era algo esperado ou planejado por ambos. Então, seu claro desconforto era mais do que entendível.

— Anne, pode pegar uma água para Chia?

— perguntei, e minha irmã praticamente me fuzilou com os olhos. — Por favor. — insisti, e

ela pareceu entender que precisávamos de espaço. Ao menos, implorava-lhe com o olhar para que saísse.

Anne Liv saiu em seguida, mas não sem antes apertar a mão de Chiara, em um claro gesto de apoio. Minha irmã só poderia pensar que era o culpado pelo desmaio. De certa forma, o era.

— Ei. — falei, assim que a porta do escritório foi fechada por minha irmã. Agachei-me novamente a sua frente, e Chiara ainda fugiu de meu olhar. — Está tudo bem? — indaguei baixo, tentando parecer controlado.

Por dentro sentia-me perdido a respeito de como agir. Sabia que queria aquele filho, por

PERIGOSAS ACHERON



mais inesperado que fosse. Ainda mais, porque era nosso. Nunca pensei que amaria alguém e que seria recíproco, muito menos, que em tão pouco tempo, estaria em um relacionamento. Entretanto, Chiara mudava todo o padrão designado em minha vida.

Desde o momento em que bati meus olhos nos dela, há seis anos, ela tem mudado e mandado nas cartas a mesa, sem a mínima noção.

— *Estou cansada de todas essas entrevistas!* — *Anne Liv reclamou, levando a mão a testa, claramente exausta.* — *Ou não sabem realmente do que se trata o trabalho, ou não tratam como trabalho. Teve um cara com a*

*capacidade de passar os cinco primeiros minutos da entrevista olhando pros meus peitos! — praticamente rosnou e tive que gargalhar alto. Era fácil tirar minha irmã do sério, porém, ter sua raiva por um motivo plausível era raro. — Quis quebrar a cara dele no mesmo instante.*

*— Aposto que suas palavras devem ter soado convincentes antes de dispensá-lo. — comentei e ela substituiu a carranca por um sorriso. Anne Liv era ótima em argumentos e principalmente, assustar pessoas.*

*— Ele nunca mais vai olhar para os peitos de uma mulher antes de seus olhos, acredite. — não tinha dúvida daquilo. Se existia*

*algo que minha irmã sabia fazer, era persuadir alguém.*

*Batidas na porta de minha sala nos tiraram daquela conversa. Célia, minha assistente, que Anne Liv tentava de toda forma levar para seu lado, adentrou o ambiente.*

*— Com licença, senhorita Marini. A entrevistada das 14 horas chegou. — avisou e com um sorriso, saiu de cena mais uma vez.*

*— Por que mesmo não tenho Célia como minha assistente executiva e pessoal? — minha irmã pareceu se estressar mais, enquanto se levantava. Resolvi ignorar sua pergunta, e caminhei junto a ela, até a divisão do andar, que*

*dava para seu escritório.*

*Não saberia explicar o que houve, porém, paralisei no momento em que Anne Liv cumprimentou uma mulher loira, sentada formalmente no sofá branco de espera do lado de fora de sua sala. Meus olhos pairaram sobre ela, como se me chamasse. Porém, pela distância, ela sequer notara que era observada. Permaneci ali, parado, apenas observando, e logo, Anne Liv a chamou para a entrevista.*

*Mesmo tentando me desprender daquela sensação de saber mais, apenas fiquei ali, observando brevemente seus trejeitos. Por um segundo, ela virou o rosto, ao mesmo tempo para*

*ajeitar a bolsa, e sua beleza me atingiu por completo. Queria aquela mulher – um fato. E pela primeira vez, em meses, torci para que alguém não fosse contratado como novo assistente na Marini.*

— Acho que o desmaio já declarou como realmente me sinto. — sua resposta me trouxe para a realidade, e notei que parecia a ponto de simplesmente sair pela porta.

— Ok, foi uma pergunta estúpida. — falei, e ela finalmente me encarou.

Em seus olhos encontrei uma clara divisão de sentimentos. Nunca conseguira de fato entendê-la. Se ela não tivesse dito com todas as

letras que me amava, jamais suspeitaria. Porém, ali, Chiara parecia não fazer questão alguma de esconder.

— Desculpe. — seu tom suavizou, e notei os olhos marejados. — Eu só acho que reagi da pior maneira para a notícia e no fim, estou descontando em você. — riu sem vontade e levei uma mão ao seu rosto, exatamente no momento em que uma lágrima desceu. — Então, acho que precisamos conversar com calma.

— Por que não tenta *se acalmar* primeiro? — indaguei, tocando levemente sua bochecha. — Isso com certeza está te afetando e principalmente, o nosso bebê.

— Nosso? — seu rebate imediato, fez um arrepio percorrer minha espinha.

Por um segundo tentei juntar as peças e se passou novamente por minha mente o que a levaria tão desestabilizada até meu escritório — um término repentino. O porquê claro poderia estar incumbido naquela pergunta. Porém, não conseguia acreditar que ela esperava um filho de outro homem.

— Não tem dúvida alguma sobre a paternidade? — indagou, deixando-me ainda mais na lona e completamente sem reação. Notei que ficou ainda mais nervosa, e em seguida, desviou de meu toque, levantando-se. — Eu...

Parou de falar, ao mesmo tempo em que me levantei. Ela estava de costas, mais uma vez, fugindo. *O que diabos acontecia com a gente?* De repente, tudo parecia desmoronar. Tivemos dias incríveis juntos e agora, mal parecíamos capazes de concluir uma conversa.

Respirei profundamente e tentei raciocinar a pergunta, porém, não existia outra forma de lhe indagar sobre. Ela se virou e todo o pânico demonstrado em suas ações e estampado em seus traços, deixaram-me ainda mais aflito.

— Chia, esse filho é nosso, não é?



## 03

choque de realidade

Chiara

*Eu tinha surtado!*

Encarei-o tão surpresa que sequer consegui assimilar tais palavras. Enquanto estava afogada nelas e temendo com sua reação, Cael parecia implorar com aquela imensidão azul para

que abrisse a boca e confirmasse o que parecia certo para ele.

— É nosso. — falei de uma vez, baixo e controlado.

Um sorriso gigante se abriu em seu rosto, e notei que o olhar carinhoso permanecera em seu semblante. Entretanto, ele não deu passo algum em minha direção, como se entendendo que precisava de espaço. A realidade, não sabia o que precisava. Em um segundo queria gritar e no outro apenas chorar. Nunca fui boa em lidar com surpresas. Um bebê era a maior de todas elas, ainda mais, o meu próprio.

— Está feliz com isso? — indaguei de

repente, e ele assentiu, dando alguns passos à frente, logo ficando bem próximo. Levantei o olhar, e tentei encontrar alguma dúvida nele. *Nada*. Nada além de um sorriso e olhos com brilho. *Apenas eu tinha surtado!* — Parece tão simples para você, enquanto eu... Estou pirando com isso. — confessei.

— Percebi, Chia. — tocou meu rosto com uma das mãos, e tentei me apegar aquilo para me reerguer. O problema era que não conseguia encontrar em qualquer outro alguém tal coisa. Aprendi e desenvolvi apenas uma forma de ser — me bastar. — Na verdade não é simples, mas ter um filho sempre foi um sonho meu. — confessou

e arregalei os olhos. Aquele era um assunto, no qual, nunca chegamos. Sequer existia razão para o fazer. — Vem cá! — pediu, e tocou minha cintura.

Logo, sentou-se no sofá, e me puxou para seu colo, como se tentando me proteger. O problema era que não sabia lidar com aquilo.

— Ser pai era algo certo em minha vida. — falou e sorriu levemente. — Tinha planos para isso, mas o fazia sozinho... Digo, pagaria uma barriga de aluguel. Não me via em um relacionamento nem em um futuro longínquo, então...

— Mas eu me declarei e mudei os planos.

— senti como se minha garganta trancasse. As paranoias rondando minha mente, como se deixando claro que Cael mal sabia o que fazia comigo, muito menos o que sentia. *Desde quando fiquei tão insegura?*

— Suas palavras e ações apenas me fizeram enxergar o quanto te quero na minha vida, Chia. Nunca pense que me forçou a algo ou que estou confuso sobre nós. — suspirei, vendo que ele parecia me ler por completo. — E tudo bem não saber lidar com uma notícia assim, nenhum de nós esperava. — seus dedos encontraram meus cabelos, em uma leve carícia. — Sou mais calmo por fora, mas por dentro, mal

sei por onde começar a ser pai.

— Me sinto tão culpada e... — suspirei profundamente. — Estou com medo de ir ao médico, Cael. Bebi mais que o normal nos últimos tempos, não me alimentei bem e... E se tiver algo errado com ele? Se for culpada pelo nosso filho estar com algum problema?

— Ei! — cortou-me rapidamente, levando dois dedos a minha boca. — Vamos ao médico assim que sairmos daqui e vai ficar tudo bem. Ou melhor, está tudo bem! — sua voz determinada, fez-me buscar tal força dentro de mim.

Era *tanto* para absorver. O fato de mal estar em um relacionamento e o pior, a forma

como me comportei nos últimos tempos. De repente, vi-me culpando por não ter sido mais atenta e descoberto a gravidez antes. Não me perdoaria caso tivesse feito algo para o bebê. Não mesmo.

— Precisamos conversar sobre muita coisa, e principalmente, o fato de me enlouquecer me fazendo pensar por um segundo que ia terminar comigo e que o filho era de outro. — sua provocação no fim da fala, fez-me sorrir pela primeira vez desde que entrei ali.

Em seu colo via-me tão repleta de nós, que era como se nenhum outro lugar do mundo faria mais sentido. Corri para ele no momento que

descobri porque ele era o pai, porém, existia *mais*. Corri para ele porque queria dividir aquilo com alguém que amava. Era estranho fazer tal coisa com um homem, e ainda mais, um que tempos antes renegou o que sentia. Contudo, ali estava eu.

— Fiquei surpresa por não desconfiar que não era seu. — confessei e gargalhei baixinho, da forma como aquilo parecia estúpido em voz alta.

— Se veio contar, sabia que era meu. — puxou meu rosto para o seu, dando um leve beijo em minha boca. Senti uma de suas mãos sobre a minha, na barriga. Sequer percebi que a tinha depositado ali. — Se tem algo que temos e não



quero perder, é confiança. Não tenho motivo algum para duvidar da sua palavra.

— Merda! — reclamei, quando senti outra lágrima descer. Nunca fora tão sensível à frente dele. Nem mesmo quando me declarei. — Eu te amo mesmo. — falei, sem me conter, e ele sorriu amplamente, dando-me aquilo que tanto precisava no momento – nós dois.

— Não mais que eu, carinho.

Derreti-me por completo diante do apelido. Ele sempre me chamara de Chiara ou simplesmente, Chia. Até mesmo, senhorita Moreira era mais comum, devido a trabalharmos lado a lado. Mas *carinho*... pareceu-me perfeito.

Pela primeira vez, senti-me bem por parecer estar dentro de uma comédia romântica.



A influência dos Marini nunca me surpreendeu tanto como naquele momento. Cael conseguiu uma consulta de urgência com minha ginecologista, que parecia muito feliz em prestar aquele serviço mesmo que em um encaixe as oito horas da noite. Com toda certeza, os acertos em torno, incluía muito dinheiro. Entretanto,

apenas conseguia focar no fato de que ela passava algo gelado em minha barriga, e buscava algo na tela, enquanto falava sobre cuidados e o tempo.

Nada parecia se prender em minha mente, e sabia que nada me acalmaria. Não até todos os exames me darem a certeza de 100% de saúde do bebê em meu ventre. Infelizmente, nem tudo ficaria pronto naquele dia, e, portanto, seria mais um longo período pensando em como o bebê de fato se encontrava.

— Preparados? — a médica perguntou e não reagi. Apenas senti o aperto em minha mão esquerda aumentar, e meu olhar se prendeu ao de Cael, que trazia o mesmo sorriso sereno no rosto.

Por um segundo, quis que sua tranquilidade fosse passada através daquele simples toque. — Ali está o bebê de vocês... com o exame e o ultrassom, já posso afirmar que passamos das seis semanas de gestação.

Respirei fundo, e tentei fazer as contas na cabeça. Porém, quanto mais tentava juntar as semanas, mais me perdia. *Como grávidas conseguiam se virar com aquilo?* Suspirei, e fiquei encarando o borrão pequeno na tela que fez meu coração disparar. Uma lágrima desceu e não pude evitar levar a uma mão a boca, sufocando um soluço.

Não esperava ser mãe, não tão cedo. Era

apenas uma mãe de gato, que mal sabia dar ordens ao filho. Porém, ali estava a prova de que Noctis teria um irmãozinho ou irmãzinha dali alguns meses, e teria que aprender, de alguma forma, a como ser mãe.

— Querem ouvir o coração? — ela indagou de repente, e arregalei os olhos.

— Já podemos fazer isso? — Cael se adiantou e ela sorriu, assentindo. — Ainda parece tão pequeno.

— Ele me parece bem e em um tamanho normal, senhor Marini. — olhei para minha médica e constatei que ela nunca fora nem um pouco formal comigo. Por dentro, entendi

perfeitamente que aquele sobrenome parecia exercer poder sobre muitas pessoas. — Quer ouvir o coração? — perguntou, na direção dele e fiquei perplexa.

Eu também era parte daquilo, e mais, era a mãe. Naquele momento, arrependi-me por completo por ter aceitado a indicação de meu antigo ginecologista que se aposentou, e começado a me consultar com ela. Ela era nova, em uma idade em torno dos quarenta, e claramente, sorria além da felicidade de estar trabalhando por uma grande quantidade de dinheiro. Em seus olhos, via o desejo claro por Cael.

Eu era a mulher deitada na cama, que ela mostrava o filho em uma tela, o que pareceu sequer um impedimento para flerte. Virei meu olhar para Cael que permanecia com o mesmo, como se não notasse nada. Porém, depois de tanto ficar me indagando internamente, resolvi tomar a dianteira.

Era o meu homem.

Era o meu filho.

— Quero ouvir o coração do nosso filho.

— falei em um tom mais alto, e ela pareceu acordar de sua encarada para com Cael. Enfatizei *nosso* de forma que parecia estar realmente com ciúmes. Odiava aquilo, ainda mais, em um

momento como aquele.

A médica não respondera nada e em alguns segundos, um som preencheu todo ambiente. Sequer consegui pensar nela ou qualquer outra coisa além. O coração de meu filho ou filha batia forte e alto, como se uma parte minha pulasse para fora. Sorri, deixando com que qualquer insegurança morresse por alguns segundos. Permiti-me ficar feliz por aquela experiência, e ainda mais, por ser uma parte minha e de Cael.

Uma parte inesperada, porém, que já era completamente amada. Sabia que por mim. Olhei para Cael e notei uma lágrima descer por seu



rosto, e logo, seus lábios desceram para minha testa.

— Obrigado, carinho.

Suspirei, sabendo que por ele também.

# 04

sem casamento

*Chiara*

— Pensei que ficaria mais calma depois da consulta. — a voz de Cael me trouxe de volta para a realidade, e suspirei fundo, desviando o olhar da janela do carro.

O trânsito estava caótico, e parecia se

## PERIGOSAS NACIONAIS

tornar uma eternidade até meu apartamento. Minha mente vagava sobre várias coisas, e principalmente, em como um filho mudava completamente o aspecto de minha vida.

De repente, vi-me lembrando dos partos que assistia no Youtube, e pensando em qual seria o meu. Caso, tivesse o poder de escolha. No fim, sabia que existiam “n” motivos para o parto decorrer de alguma forma. O pior de tudo, era que não conseguia focar no presente. Já me encontrava pensando no futuro e sabia bem do porquê. Pois mesmo depois daquela consulta, temia que todo o álcool tivesse feito algum mal ao bebê. Não me perdoaria por aquilo.

## PERIGOSAS ACHERON

— Também. — encostei a cabeça contra o assento, e logo senti os dedos de Cael sobre minha coxa, em um aperto leve e carinhoso. Olhei-o de relance e sorri, vendo-o fazer o mesmo. — Queria essa calma toda. — revelei, e ele negou com a cabeça em seguida.

— Sou muito de pensar, Chia. Penso, processo e depois ajo, mas no fundo, estou com medo de fazer algo errado. — seu tom de voz era claro, e poderia ver na imensidão azul o quanto ele parecia inseguro. Ao menos, éramos dois.

— Temos muitos meses pela frente ainda, você vai fazer tudo certo. — falei, sem saber ao certo se para ele ou para mim mesma. Era como

se tentasse me convencer de que os meses seriam decisivos para aprender.

— Na verdade... — aumentou o aperto em minha coxa e o encarei, sentindo-me completamente extasiada pela intensidade que me entregara. — Nós vamos, carinho.

Sorri, e coloquei minha mão sobre a sua. Na realidade, queria poder puxá-lo para um beijo e não nos permitir quebrar aquela bolha em momento algum. Gostava daquilo, daquela intimidade. O que me levava a pensar no porquê de fato me apaixonei por ele. Cael era dentre muitos casos, um que sempre pareceu diferente.

A princípio, enxerguei pelo fato de ser meu chefe,

então, proibido estava sinalizado em sua testa. Porém, com o tempo, não existia graça naquilo.

Não o enxergava como senhor Marini na cama, nunca fora assim. Éramos apenas nós. Em uma intimidade como aquela, do olho no olho, e agora, do apelido sem pedido, mas que parecia encaixar perfeitamente. Em poucos dias tudo pareceu virar de cabeça para baixo, porém, conseguia enxergar que *realmente* poderia dar certo. Na realidade, mesmo com o inesperado, já estava dando. Felizmente.



Os minutos passaram e finalmente, ele parou a frente de meu prédio. Olhei para Cael com um sorriso, tentando quebrar a estranheza que pareceu pairar, de repente, sobre nós.

— Já disse que não quero te deixar aqui sozinha? — indagou, e assenti, lembrando do quanto ele insistiu para que passássemos a noite juntos. Porém, com todo turbilhão de emoções que me rodeavam, sabia que precisava de um tempo. Sozinha.

— Tecnicamente, tenho dois companheiros agora. — falei, dando de ombros.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Noctis tem cuidado muito bem de mim desde que chegou em minha vida, não se preocupe. São horas e horas ouvindo minhas paranoias. Tenho dó é de nosso bebê que vai ouvir a mãe em vários estados diferentes.

Cael sorriu levemente e tirou o cinto, passando a mão por meu rosto no segundo seguinte.

— Não quero te pressionar, mas precisamos conversar. — assenti e ele uniu nossas testas. — E não quero ficar longe hoje à noite e nem na próxima... ou qualquer uma do futuro.

Afastei-me um pouco, sem entender o caminho pelo qual ele trilhava.

## PERIGOSAS ACHERON



— O que está querendo dizer? —  
perguntei, incomodada por aquela vontade  
repentina dele. Na realidade, não era tão assim, já  
que desde que nos acertamos pouco nos largamos.  
Entretanto, ainda existiam apartamentos entre  
nós, assim como, a realidade. Cael Marini era  
meu namorado e estava bem satisfeita com o que  
tínhamos. — Não está tentando introduzir o que  
estou pensando, não é? — de repente, senti todo o  
momento fofo se dissipar.

Ele franziu o cenho e afastou a mão de  
meu rosto. Cael parecia desconfortável, e com  
toda certeza, estávamos falando a mesma língua.  
Não era pelo fato de ele me querer todas as noites

consigo. Ia além.

— Por que não diz de uma vez? —  
indaguei, tentando não soar tão ácida, porém, era impossível.

Não sabia me controlar quando não o queria de fato. Cael conhecia bem aquele meu traço e se existisse uma taça de vinho a frente, com toda certeza, ele temeria por seu belo rosto.

— Não quero falar sobre isso no carro, e ainda mais, estragar o dia que tivemos. —  
encostou a mão no queixo e pareceu ainda mais receoso, porém, sabia que estava decidido. — Sei que pode parecer precipitado querer que fiquemos juntos assim, mas...

— Assim como, Cael? — perguntei, vendo que todo aquele momento no carro, nós dois na consulta e toda a loucura do dia se ia pelo ralo. Era uma reviravolta e sabia que era questão de segundos para nos desentendermos. Na realidade, já o fazíamos.

Temia porque me conhecia muito bem e não era uma pessoa fácil de lidar. Um gênio forte de uma virginiana, que vinha com uma carga de loucuras repentinas e vontades sem motivo. Não era como Nina que entrava em qualquer discussão por mais simplória que fosse, eu sabia onde queria me meter. Infelizmente, sabia que não ia dar um passo atrás com Cael, não com aquela

insinuação. Como diria mamãe: *um boi para não entrar em uma briga e uma boiada para sair dela.*

— Por que parece a ponto de me condenar por estar sugerindo que fiquemos juntos? — indagou e seu tom mudou para claro desgosto. — Pensei que tivesse deixado claro desde que me declarei.

— Sim, você o fez. Mas isso é bem diferente. Já estamos juntos, Cael! — levantei as mãos, em sinal de obviedade. — E sei o que está querendo dizer com *não querer ficar longe*, e já que não quer dizer em voz alta, eu respondo: Não! — falei de uma vez, e notei o baque de

minha resposta em seu semblante.

Não queria magoá-lo, nem de longe. Contudo, Cael parecia ter colocado a máscara rosa à frente do rosto e enxergado um patamar em que não nos encontrávamos.

— Olha, as coisas não estavam bem até antes de descobrir a gravidez? — tentei parecer mais diplomática. Ele assentiu, mas notei que sequer parecia querer me olhar. — Por que muda tudo? — indaguei e no segundo seguinte tentei consertar o que queria *de fato* dizer. — Sei que muda muito em nossas vidas, mas ainda assim, não vamos pular fases por conta do bebê.

— A gente tem que se casar. — a voz de

Cael soou baixa, mas sabia o quão sério ele falava. Se há um segundo estava tentando ser diplomática, esqueci-me por completo no seguinte.

— Casar? Você pirou? — indaguei perplexa, com o verbo “tem” sendo repetido dezenas de vezes em minha mente. — Somos namorados há poucos dias e mal começamos a nos acertar... Nem sabemos se isso vai dar certo! — seu olhar azul mudou, e sabia que ele não concordava com nenhuma de minhas palavras. — Não estamos mais no século 19 e não vamos nos casar porque estou grávida!

Não existia discussão sobre aquilo. Não

mesmo.

— Chia, você pode ao menos me ouvir?

— indagou e o encarei a contragosto. — Não queria falar sobre isso aqui e agora, mas... Me sinto tão eufórico com tudo que não consigo fingir que não quero isso.

— Quer se casar ou simplesmente está seguindo um protocolo de *merda* imposto pela sociedade? — rebati e fora como se desse um tapa em seu rosto. Cael parecia chocado. — Eu te amo e acredite em mim que quero um futuro para nós. Se esse futuro existir, o casamento está lá, simples e claro porque nos amamos.

— Eu também te amo. — falou, e abriu os

braços, como se não entendesse meu raciocínio.

— Somos adultos e vamos ter um filho, por que...

Por que não podemos nos casar por isso?

— Exatamente por isso, por sermos adultos e vivermos no ano de 2019. — revidei e ele me encarou desgostoso. — Um filho não é razão para casamento e as vezes, nem mesmo amor é o suficiente.

Entendi a profundidade de minhas palavras apenas quando as soltei. O olhar de Cael mudou e sabia que era um caminho estreito pelo que seguíamos. Porém, não sabia mentir e fingir o que pensava. Casamento, para mim, ia muito além. O amor era parte, mas não todo o conjunto.



## PERIGOSAS NACIONAIS

Muito menos uma gravidez deveria ser o motivo.

Existia muito *mais*. Um *mais* a explorar com ele.

— Ainda não entendeu o que quis dizer e não vou insistir. — seu tom soou mais baixo e por um segundo, senti-me mal por aquele momento. Na realidade, sentia-me mal por todo ele.

— Ei! — chamei-o, e toquei seu queixo, trazendo-o para perto. — Vamos só viver aos poucos, ok? Como já estávamos fazendo.

— Como quiser, Chia. — forçou um sorriso e quis apenas abraçá-lo, e não o deixar ir. — Sei que pode ter parecido arcaico o que disse, mas apenas me provou que temos percepções diferentes sobre o futuro.

## PERIGOSAS ACHERON

Não soube o que dizer e apenas continuei a encará-lo. Dei um leve beijo em seus lábios e notei que nem mesmo em mil anos iria querer, de fato, ficar sozinha naquela noite. Aquela discussão apenas me mostrou que queria estar com ele, e justamente, naquela noite. Queria um bom fim para aquele dia, que nos trouxera descoberta. Uma descoberta toda nossa.

Dei-lhe mais um leve beijo e toquei a barba rala.

— Sobe comigo. — pedi e ele franziu o cenho, claramente não entendendo. — Noctis é uma ótima companhia, mas depois disso... Só quero poder ficar com você.

— Por que parece ter medo de que isso acabe em um piscar de olhos? — indagou de repente, como se pudesse me ler, e tentei resguardar aquele medo na armadura que cedia por completo a sua frente.

Nunca acontecera aquilo à frente de ninguém. Nenhum outro.

— É porque o tenho. — confessei, e sabia que só fazia mais confusão em sua mente, e me tornava ainda mais maluca aos seus olhos. Era complexa demais e com certeza, o trabalho ruim de minha psicóloga. — Mas hoje, só quero eu e você.

— Me quer por medo, porque segundos

atrás só queria ficar sozinha. — pareceu dizer a si mesmo, e mesmo que parecesse, não soou como uma acusação. — Não vamos perder o que temos por uma discussão, Chia.

— Eu... — tentei confirmar em voz alta que *sabia*, com toda certeza, porém, seria mentira. — Talvez até mesmo no drama eu seja maluca.

— Você é humana como eu. — sorriu e notei que aos poucos, voltávamos ao normal. — Vou te deixar na porta e no meio do caminho descobrimos se vamos ficar juntos essa noite ou não, que tal?

— Como pode compactuar com minha

loucura? — ele sorriu amplamente e deu-me um beijo.

— Porque sou louco por você, carinho.

# 05

tomar seu tempo

*Chiara*

Eu estava pirando e não era algo do que me orgulhava. Entretanto, apenas a visão de Cael sobre minha cama, naquele exato momento, fez com que todas minhas concepções se dissipassem. Queria ficar ali, em seus braços,

perdida em pensamentos. Minhas mãos, involuntariamente, estavam em minha barriga, e comecei a me perguntar quando começaria a ter todo o sono que grávidas descrevem. Naquele momento, sentia-me insone.

Levantei com cuidado da cama, sem sequer desviar o olhar do homem que dormia tranquilamente. O mais doido de tudo, era que desde o momento em que começamos de fato a sermos *apenas* nós, era a primeira vez que não transávamos. Nós e uma cama, sempre fora a combinação perfeita para tal resultado. Aquela noite era uma exceção. Suspirei profundamente, e caminhei para fora do quarto, sentindo que

precisava estar longe por alguns instantes e até mesmo, tomar um pouco de água.

A cada passo que dava pelo apartamento, olhava com atenção para cada pequena conquista. Nada fora feito sozinho e me orgulhava de ter uma mãe que me proporcionou o melhor, e sempre fez, *o seu melhor*. Indagava-me de como eu seria. Desde agora não tinha como não fazer comparações. Porém, era apenas uma de minhas questões. Meus pensamentos se voltavam para como a vida me ensinou que relacionamentos seriam. Não os tive antes, pois meu coração nunca bateu a ponto de querer entregá-lo. As paixões foram rápidas e passageiras. Assim como,



Cael deveria ter sido.

Porém, ele não foi.

Abri a geladeira e por um segundo, apenas parei ali, encarando o interior do eletrodoméstico. Era como se me teletransportasse para o exato momento em que percebi meu pai não mais voltaria. Que suas malas estavam encostadas na porta de casa por algumas semanas e de repente, sequer estavam lá, foram levadas por ele. Não era uma viagem surpresa, muito menos, uma viagem em família. Era sua viagem de *adeus*. Aprendi que o amor poderia não dar certo, e minha mãe, pareceu-me sempre tranquila a respeito, entretanto, mais velha, percebi que era sua

fachada. Ela fora ferida, mas nunca nos mostrou. Ela apenas focou em Nina e eu.

As marcas que meu pai deixara, se tornaram a única coisa que carregou dele. Marcas de abandono, falta e indiferença. Já mais velha, entendi que ele sequer conhecera o amor conosco, e não fazia questão de o ver novamente. Nunca mais. Ele não me amou o suficiente para ser pai, e eu, muito menos, estaria aberta para amá-lo daquela forma. Tive mãe e pai na mesma pessoa – Clarice Moreira.

Era uma parte de meu ser que sempre evitava. Com o tempo, amenizou, e aos vinte e sete anos, não era algo que me machucava. O

problema era a força com que todas as inseguranças me abrandaram no momento em que descobri a gravidez, e mais, quando Cael apenas sugeriu o casamento. Eram dois pilares delicados em minha vida. Ser mãe nunca fora uma questão, se acontecesse, pensei que teria tudo sob controle. Contudo, acontecera sem nenhum. Respirei fundo, despertando para a vida de repente. Movi-me, pegando a garrafa de água. Abri-a e bebi um longo gole. Sentia-me um tanto nostálgica e perdida, e fechei a geladeira, encostando-me contra o balcão.

Declarar-me para Cael apenas se tornou uma opção, porque não enxerguei nenhuma outra.

Aquele sentimento andava me consumindo, mas nunca imaginei o que se desenrolaria depois. Porém, todo o *script* perfeito de uma comédia romântica se desenvolveu, surpreendendo-me. Entretanto, não acabara no momento em que resolvemos estar juntos. Existia depois. Existia muito mais depois do “fim” em filmes. Indaguei-me por um segundo qual teria sido o de Uma Linda Mulher e Como Perder Um Homem em Dez Dias.

Sorri, bebendo mais um pouco de água. Minha cabeça multitarefa poderia soar como um problema em alguns momentos, e principalmente, em meio a insônia. Entretanto, quando me fazia

esquecer por um segundo dos problemas e focar em outras coisas, agradecia por ser desta forma.

Resolvi sentar sobre a banqueta e passei as mãos pelos cabelos, buscando em meu interior o que faria dali por diante. Acabara de entrar em um emprego e teria que falar com meu novo chefe a respeito. Acabara de iniciar um relacionamento, e de repente, a palavra casamento tornou-se um tormento. Acabara de descobrir que seria mãe, sendo que toda minha preparação se resumia a um gatinho preto intrometido.

Talvez fosse um pouco dramática, como Nina diria. Entretanto, era uma analisadora de todos os fatos. O que me fazia analisar a postura e

palavras de Cael a cada segundo. A forma como ele falou e se expressou, principalmente, deixaram-me ainda mais duvidosa sobre nós. Namorava há alguns dias e já analisava meu namorado. *Ótimo!* Chiara Moreira, psicóloga formada em livros de autoajuda e documentários, com toda certeza, tinha razão.

Ironizar a mim mesma era a forma mais fácil de tentar me entender no fim das contas. Resolvi levar a garrafa de água para o quarto e pelo pequeno trajeto, coloquei alguns outros pensamentos em pauta. No fundo, apenas queria dormir nos braços de Cael e deixar as discussões para mais tarde. Assim que passei pela porta,

acabei parando. Meu coração deu um solavanco e percebi o porque temia tanto aquilo.

A questão maior era que apenas um por cento de mim, esperava uma reação inusitada de Cael quando me declarei. Nem em um milhão de anos, imaginei que aquele um por cento, no fim, se tornaria uma gravidez. Internamente, estava preparada para curtir a fossa e continuar sendo sua assistente até quando conseguisse. Mas a vida tinha suas facetas, e em uma delas, conheci a covardia e instabilidade do homem pelo qual me apaixonei.

Ali, encostada no batente da porta, percebi que era o um por cento que temia. Porque Cael

tinha o poder de aumentá-lo consideravelmente. Ele tinha o poder de me escolher, assim como o fiz. A intensidade do que sentia nunca me ficou tão óbvia quanto ali. Ele, em minha cama, dormindo tranquilamente, com Noctis acima de sua cabeça. Os dois dividindo um espaço que antes era apenas meu, entretanto, que eles conseguiram a chave para entrar.

*Onde diabos pendurei a chave para que eles a tivessem com tanta facilidade?*

Passei a mão por minha barriga e suspirei. O pequeno ser que agora habitava em mim, tornando-me parte de dois, assim como, sendo parte de dois, sequer precisou da chave. Ele



apenas arrombou a porta e se tornou parte de nós. Suspirei, ao lembrar da música que cantara pela casa depois da primeira vez que estive com Cael.

Andei a passos leves até seu lado, sentando-me novamente na cama e deixando a garrafa sobre o criado-mudo. Notei meu celular carregando e não resisti. Peguei-o e da forma que consegui, tirei uma foto. Apenas a luz da televisão que ficara ligada após apagarmos juntos em minha cama, iluminava o local. Mas de alguma forma, quis gravar aquele momento.

Deixei o celular de lado e me deitei, passando a mão em Noctis, que sequer se mexeu, confortável demais sobre o travesseiro e cabelos

de Cael, que parecia como ele. *Qual a probabilidade de sermos pais do mesmo gato?*

Sorri internamente, e desci minha mão para o rosto do homem que parecia estar em um ótimo sonho. Sabia de seu sono pesado e que aquilo não o atrapalharia em nada.

— Eu só queria tomar seu tempo, como na música que te mostrei semanas depois que começamos a transar. — suspirei profundamente, concluindo meu sussurro: — Só queria o seu tempo, mais nada.

A voz de Sam Hunt<sup>[2]</sup> me veio em mente, e uma lágrima desceu. Sentia-me instável e com toda certeza, culparia o bebê por aquilo. Mesmo

## PERIGOSAS NACIONAIS

sabendo que no fundo, estar tão exposta para alguém era o que me apavorava. Viver com a rejeição parecia muito mais fácil do que estar em um relacionamento e ser amada. O medo do amor nunca me pareceu tão real. Desci meus lábios para os de Cael, levemente, marcando o que tanto queria. Eu o queria, e de alguma forma, faríamos dar certo. Era no que realmente *queria* acreditar.

*“I don't wanna steal your freedom*

*I don't wanna change your mind*

*I don't have to make you love me*

*I just wanna take your time*

## PERIGOSAS ACHERON

*I don't wanna blow your phone up*

*I just wanna blow your mind*

*I don't have to take your heart*

*I just wanna take your time*

*No, I ain't gotta call you baby*

*And I ain't gotta call you mine*

*I don't have to take your heart*

*I just wanna take your time”<sup>[3]</sup>*

Continuei com a mão em seu rosto, após  
cantar baixinho, lembrando-me do exato

momento em que dividimos tal canção. Porém, tudo era muito diferente naquele momento.

— Você me chama de carinho agora. — falei, sentindo-me tocada de uma forma que jamais imaginei. — E mesmo sendo piegas e brega, vou te chamar de amor... — sorri, ao entender que não era aquilo. — Ok, vou ser ainda *pior...* baby.

## 06

o que eu vejo

*Cael*

Realmente gostava daquilo.

Gostava do fato de que Chiara e eu não precisávamos fingir sentimentos um para o outro. Muito menos, ensaiar como muitas pessoas o momento certo a se declarar ou querer dar um passo adiante. Assim como, mesmo que nossas

ideias pudessem abrir uma longa discussão, era o que faríamos. Gostava de descobrir que aquele lado de discussões rotineiras sobre filmes e séries, e todo o mundo nerd que eu amava, também existia em relação a nós. Prezava por sermos assim, e me encantava ainda mais com a clareza que conhecia ao seu lado.

O tempo longe fez-me questionar várias coisas, e a priori, o porquê de me doer tanto aquela distância. Agora, deitado em sua cama, com seu corpo praticamente sobre o meu, sabia que era aquilo que necessitava. A conexão e intimidade que nunca senti com nenhum outro alguém. Ela sempre fora diferente. Chiara fez-me

## PERIGOSAS NACIONAIS

quebrar regras pessoais e profissionais. Por um longo período, antes mesmo de tomar a iniciativa de ir ao bar perto da empresa porque a vi entrar no mesmo, indaguei-me do quanto a queria em minha cama.

Era a atração que realmente me chamou. Hoje, vejo que era muito além do que meu corpo conseguia identificar. Questionei-me e me afastei pelos quatro anos que trabalhou apenas com minha irmã, mantendo o contato estritamente necessário. Sabia que ela me atraía e o quanto as coisas poderiam ficar confusas. Entretanto, ter a reciprocidade de Chiara, assim como, os mesmos objetivos, nunca me passaram pela cabeça. Ela

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

era como eu. Sexo sem compromisso e descomplicado. Mesmo assim, o dia seguinte da nossa primeira noite tornou-se uma grande questão quando acordei e a realidade me bateu. Mas nada mudou... Ao menos, não naquele exato momento.

Passei a mão por sua barriga, e senti a pequena bolinha de pelos que me fez enlouquecer de ciúmes semanas atrás se aconchegar no mesmo lugar. Era como se Noctis tentasse protegê-la, assim com eu. Lembranças de nós me atingiram, com a sombra evidente do quanto aquela mulher me marcara desde que demos o primeiro passo para *mais*.

## PERIGOSAS ACHERON

*— Posso te dar uma carona. — falei, assim que saímos do bar e ela negou veemente com a cabeça. Levantou o celular e mostrou o aplicativo da uber. — Meu motorista vem me pegar, e acho que pode ser mais seguro... — tentei não parecer interessado em algo além, mesmo que meus olhos não fugissem dos seus.*

*Ela era linda.*

*Os cabelos loiros que estavam presos durante todo o dia no trabalho, agora caíam por suas costas. Os olhos verdes demonstraram o quanto a bebida parecia ter a animado ao fim do dia, assim como, a certeza de que sentia o mesmo. No fundo, torcia para que fosse apenas*

*uma loucura de minha mente. Entrar naquele bar apenas porque a vi adentrá-lo, fora um passo em falso. Não poderia cometer outro.*

*Apenas a leve para casa, discutia internamente. Nada demais ia acontecer, tentava me convencer.*

*— Não quero abusar, mas... Seria ótimo.*

*— surpreendeu-me ao abrir um sorriso de lado.*

*— Vou apenas mandar uma mensagem e Gouvêa deve chegar em alguns minutos. — falei, e ela assentiu, abraçando o próprio corpo diante do ar.*

*Desviei o olhar e digitei a mensagem, tentando a todo custo, manter-me alheio. Porém,*

*Chiara não era exatamente o tipo de pessoa que se mantinha calada, e notei claramente, como ela de fato o era, em poucas horas conversando fora da empresa.*

*— Não me parece bêbado. — comentou e não pude mais fingir que estava preso ao celular.*

*Sorri, guardando o aparelho e colocando as mãos no bolso da calça.*

*— Geralmente, se misturar com uísque e conhaque... Ou beber além do necessário para o fim de uma sexta. Aí sim, me verá bêbado. — pisquei um olho, e ela sorriu, como se intrigada.*

*— Mas você não me parece alterada? Quer dizer, não sei se posso julgar isso.*

— *Digamos que tenho uma irmã mais velha que me ensinou a beber no aniversário de dezoito. — sorriu amplamente, como se tendo uma boa lembrança. — Nina e eu somos parceiras de bebedeira, e por isso, me acostumei. Como você, preciso ir um pouco além.*

*Suspirei fundo, tentando não entender mais do que deveria em sua fala. Ela falava sobre bebidas. Forcei um sorriso, e tentei me focar no teor da conversa.*

— *Anne Liv não fica muito atrás, mas sempre mantém a pose. — comentei e ela assentiu, como se conhecesse aquele lado de minha irmã. — Quatro anos ao lado dela, certo?*

— *Ela nunca sai do modo de poderosa  
chefona. — sorri de sua comparação.*

— *Anne sendo Anne. — dei de ombros.*

*Era tão simples conversar com ela, de  
forma que longe dos números, papéis e contratos  
da empresa, nunca nos imaginei. Chiara se  
tornara próxima de minha família por sua  
amizade com minha irmã, mas sempre fiz questão  
de nos manter a um braço de distância. No  
mínimo. Naquela noite, sentia que as coisas  
tomavam um rumo inesperado.*

*Minutos depois, já estávamos dentro do  
carro, e à medida que as ruas passavam, o ar se*

*tornara ainda mais pesado lá dentro. Era um Civic do último ano, o qual se tornara meu favorito, e de toda forma, o espaço era o suficiente, para que a deixasse à vontade. Ambos no banco de trás, e sentia meu coração bater descompassadamente. Aquela atração estava saindo de controle, e temia que Chiara percebesse.*

*Tirei minha mão da nuca e a pousei sobre o estofado. Ao menos, pensei que o faria. No segundo seguinte, senti o calor da mão de Chiara, e nossos olhares se conectaram de imediato.*

*— É... desculpe. — falei, afastando-me, e*

*ela sorriu, parecendo tão afetada quanto eu.*

*Ela sentia aquela atração palpável? Ou eu estava simplesmente enlouquecendo?*

*— Pelo que? — perguntou, olhando-me intensamente.*

*— Chiara, eu... — passei as mãos pelos cabelos, temendo dar aquele passo. Nunca me envolvera com nenhuma pessoa da empresa, nem mesmo de filiais. Era uma regra auto imposta. Porém, ela me fazia repensar tudo.*

*Surpreendendo-me por completo, ela se aproximou. Senti o ar ainda mais escasso, e nossos rostos ficaram a um fio de distância.*

*— Não quero ultrapassar nenhuma linha.*



## PERIGOSAS NACIONAIS

— *falou e sua sinceridade me tocou por inteiro, assim como, deixou-me ainda mais louco por ela.*

— *Mas não dá pra fingir que não nos queremos.*

— *Se não negar, eu vou te beijar. —  
anunciei de uma vez, mandando toda a razão a  
merda.*

*Ela sorriu novamente e assentiu. Sequer  
soube quem deu o passo seguinte, porém, senti  
seu gosto me atingir por completo. Novo,  
abrasador e completamente inebriante. Ela levou  
uma mão até meus cabelos, puxando-me para  
mais perto e de repente, joguei minhas dúvidas  
pela janela. Queria aquela mulher, e ela me  
queria. Aquilo bastava.*

## PERIGOSAS ACHERON

— *Tô* achando isso muito esquisito. —  
sua voz doce me tirou das lembranças e sorri,  
levando meu rosto até o seu, sem tirar minha mão  
do lugar. — Noctis parece querer competir pelo  
irmão. — debochou, espreguiçando por completo.  
— Bom dia, baby!

Abri um sorriso, dando-lhe um leve beijo.  
Não entendia o que acontecera durante a noite  
para que ela acordasse com aquele bom humor.  
Depois de todo o clima do carro, pensei por um  
segundo que a magia entre nós desmoronaria.  
Começara a entender que a magia estava até  
mesmo nos momentos complexos. Chiara parecia

mais leve, e ouvi-la me chamar por um apelido, em vez de me fazer sentir um adolescente, fez-me sentir *seu*.

— O que fiz para merecer esse carinho pela manhã? — indaguei, sabendo que as coisas entre nós ainda estavam na gaveta. — A não ser que esteja esperando por alguns orgasmos. — provoquei, e ela gargalhou, lançando-me um olhar de deboche em seguida.

— Não se ache tanto, posso me dar orgasmos a qualquer momento. — Chiara e sua bravata deixavam-me ainda mais louco por ela. — Assim como outras pessoas.

— Chia! — reclamei, e ela sorriu, tocando

meu rosto.

— Sou seu carinho, tenho que me portar como tal. — piscou e me beijou levemente. — Simples assim.

— Na verdade, não passa de uma provocadora. — encaramo-nos por alguns segundos, e ela não negou. Sabia que era um lado marcante seu. — Mesmo assim, vamos deixar claro que outras pessoas estão fora. — falei, pois a insegurança em meu interior se aflorava perto dela. Ainda mais, por saber como nossa relação fora construída. Confiava em Chiara, mas temia, que em algum momento, não fosse o suficiente.

— As outras pessoas não podem me dar

isso. — falou, e se esticou inteira para pegar o celular no criado-mudo.

Olhei-a intrigado e assim que ela voltou para mais perto, sorri ao encarar o que ela tinha como plano de fundo no celular. Uma foto minha e de Noctis, completamente adormecidos. Sorri, e desviei minha mão de sua barriga para o pequeno gato que já ronronava em sua barriga.

— Parece que fui aceito por ele. — comentei e Chiara bufou.

— Noctis é um gato traidor, não me surpreende muito.

Sorri, unindo nossos lábios em seguida.

Ainda era bem cedo, cerca de seis da manhã. Por

# PERIGOSAS NACIONAIS

alguns minutos, apenas gostaria de continuar ali,  
perdido em nossa bolha. .

# PERIGOSAS ACHERON

# 07

o que queremos

*Chiara*

Infelizmente o trabalho não podia esperar.

Cael tinha reuniões e mais reuniões naquele dia. Assim como eu, deveria falar com meu chefe a respeito da gravidez, além de, cumprir todas minhas funções. Porém, antes

mesmo de começar a me arrumar para ir ao trabalho, sabia que teria o tempo suficiente para conversar com ele sobre a noite anterior. Colocar os pingos nos *is* era o necessário. Ambos tínhamos visões diferentes de como seguir com o relacionamento recente, e queria chegar a um consenso.

Esperei meu chocolate quente ficar pronto, e me escorei contra o balcão. Cael ainda estava no quarto, e parecia mais enrolado do que nunca para encontrar uma meia. Aquela velha busca sem fim pela meia perdida durante o sono. Não me atrevi a tentar ajudar, pois aquilo sempre me estressou o suficiente. Naquela hora da



manhã, cerca de seis e meia, apenas buscava paz.

— O que foi? — perguntei no momento em que Noctis miou, tentando escalar minha perna. — Nada disso, seu folgado. Não quis dormir agarrado com Cael, vai pedir colo para ele.

No mesmo instante, parecera que os olhos azuis de Noctis duplicaram de tamanho. Tornando-se assim, o verdadeiro gato do Shrek. Ele sabia jogar e não conseguia resistir a tanta fofura. Sabia bem, que metade, ou até mesmo, cem por cento das conversas, expressões e reações dele eram frutos de minha mente.

Olhando para a segunda alternativa, de que aquele

pequeno era um alienígena que já dominara a terra, ao menos, o meu mundo, sabia que era preferível ser a louca.

— Deixa só eu beber, que já te dou todo carinho do mundo. — falei, mas ele continuou a passar por minha perna e dar leves arranhões. Era impossível quando queria. — Noct, ainda nem passou das sete! — reclamei, mas fui até o sofá, jogando-me, e pegando-o com a outra mão.

Sem ao menos reclamar, ele se aconchegou em meu colo, sossegando.

— Gato mimado. — falei, e fiz uma careta ao constatar que era realmente daquela forma. E pior, eu quem o mimei. — Não seja como seu

irmão. — passei a mão por minha barriga, e revezei entre ela e Noctis, que já fechava os olhinhos. Mal acordava e já estava dormindo de novo. Ele gostava de tirar os momentos sozinhos para se tornar um furacão dentro de casa ou quando queria chamar atenção.

Liguei a televisão e conectei meu celular, para ouvir a música que estava me acompanhando há semanas, desde que tive a brilhante ideia de ir ao cinema e assistir mais um *live action* da Disney. Ainda mais agora, que liberaram justamente o trailer de minha segunda música favorita do filme Aladdin, era quase impossível não parar para ver quando podia. A Whole New

World<sup>[4]</sup> começou a tocar, e não pude evitar, começara a cantar junto. Só parava por alguns instantes, para ingerir meu chocolate. Aquela música tinha o poder de me levar a momentos mágicos ao lado de minha irmã. Só conseguia pensar o quão terrível seria para meu coração dali algum tempo, quando o *live action* de Rei Leão entrasse em cartaz. Sairia completamente destruída e com toda certeza, voltaria na sessão seguinte para assistir novamente.

*“Unbelievable sights*

*Indescribable feeling*

*Soaring, tumbling, freewheeling*

*Through an endless diamond sky”<sup>[5]</sup>*

— Bom dia, carinho. — a voz imponente me tirou daquele momento, e o susto me fez derrubar o celular no chão.

— Puta merda! — reclamei, e ouvi a gargalhada de Cael. Ele parou ao meu lado, depositando um leve beijo em minha bochecha, e aproveitou para pegar o celular e me entregar. — Não estou acostumada a ter pessoas em casa. — comentei e ele me encarou, claramente intrigado.

— Até mesmo, Nina... Quando ficou aqui, sempre levei algum susto, achando ser algum vulto.

— Sou apenas eu. — piscou, com um ar mais leve. Porém, seus olhos azuis ainda refletiam a pose magistral. *Como ele conseguia mantê-la?* — Desculpe a decepção.

— Ora, acredite... — olhei para seu peitoral desnudo e revirei os olhos em seguida. — Estou muito decepcionada com sua presença, senhor Marini.

Ele sorriu, e aquela versão despojada me tirava ainda mais do eixo. Conhecer Cael mais a fundo, era bem diferente do raso que encontrei longe dos momentos de prazer. Já tínhamos

intimidade, mas o que criamos nos últimos dias, parecia ter tornado as horas em meses. Sentia aquilo ainda mais presente devido ao bebê em minha barriga.

Engoli em seco, ao lembrar-me do que realmente me preocupava no momento que li o resultado *positivo*.

— O que foi? — indagou, parecendo conseguir me ler. — Devo questionar ou culpar os hormônios por estar ouvindo desenhos a essa hora da manhã? — brincou e dei de ombros.

— Devia é ter me visto depois de me rejeitar. — a expressão em seu rosto mudou por completo, e notei sua tensão. — Ei! — ele então

se sentou à minha frente, no tapete da sala. — Não estou acusando. É apenas um fato. Não tem como fingir que não o fez. — pisquei, sorrindo, para que entendesse que não o julgava por aquilo. Ao menos, não mais. — Passei dias imersa em Marília Mendonça e qualquer música sertaneja que me fizesse querer te esganar e ao mesmo tempo, não me deixava esquecer. — comentei, sorrindo abertamente. — Além do álcool, claro. — engoli em seco ao saber que era *realmente* aquilo que me atormentava.

— Sinto-me mal por isso. — confessou e toquei seu queixo, tentando lhe tranquilizar.

— Fica tranquilo. Nosso filho saberá *tim*



*tim* por *tim tim*, e daí, tudo certo. — provoquei, e ele pareceu entender meu ponto, sorrindo levemente. — Sabe que essa sou eu, não é? — indaguei, tentando entender sua apreensão. — Gosto de provocações e sou espontânea. Até demais, algumas vezes.

— Sei que quero conhecer ainda mais. — comentou e olhou-me intensamente. — Quero muito mais de nós, Chia.

— Sei onde quer chegar.

Suspirei fundo, e afastei minha mão de si, levando-a para meu cabelo. Era incrível como aquele assunto tinha se tornado mais fácil depois de pensar durante a madrugada. Precisava anotar

aquilo: a insônia tem um lado benéfico, afinal.

— E ainda quer socar a minha cara? — perguntou, e parecia tentar esconder seu nervosismo. Entretanto, seu cenho franzido e a forma como não parava quieto com as mãos, o denunciavam. — Parece bem mais tranquila que ontem.

— Acho que podemos entrar em um consenso. — falei, e ele me encarou com interesse. — Não vou me casar agora, pode ter certeza. Mas também, não quero que leve isso para o pessoal, Cael. Temos que ser realistas e viver o momento.

— Como namorados, quer dizer? —

indagou e assenti. — O que muda do que conversamos ontem? Sei que não quer se casar, Chia.

— Bom, eu não quero casar, e você parece querer isso. — falei, sem querer dar atenção ao assunto, mas Cael não permitiu.

— Não é pelo bebê. — adiantou-se.

— Então, se não descobrisse a gravidez, você ia me pedir em casamento na noite passada? — indaguei e ele pareceu pensar um pouco. Até mesmo abriu a boca para dizer algo, mas nada saiu. — Esse é o ponto!

— Ok, é claro que o bebê influencia nisso.

É o nosso filho, ora! Mas... Eu realmente quero

ficar com você, Chia. Pensei que o casamento fosse a...

— A decisão correta, o certo a ser feito e outras coisas mais. — dei de ombros, e ele assentiu. — Eu entendo, realmente. Mas também tem que entender que posso não parecer, mas eu quero romantismo na vida, Cael. Casamento, acima de tudo, tem que ser além de amor para mim.

Ele sorriu, parecendo querer entender ainda mais.

— Você vem de uma família que deu certo. Seus pais parecem eternos apaixonados. Eu venho de um abandono por parte de pai, e

principalmente, vi minha mãe ser abandonada pelo homem que lhe jurou amor e o mundo todo. — ele abriu a boca para me parar, mas o impedi com os dedos. — Sei que não é como meu pai! Acredito nisso, mas ainda assim, por mais maluca que seja, eu carrego esse passado. Além de que, tenho consciência do que quero. Minha mãe se casou por estar grávida. Claro, era do homem que amava, mas mesmo assim...

Suspirei, sem conseguir continuar. Era uma história que sequer merecia ser revivida, até mesmo, em voz alta. As contas de perdiam se parasse para pensar em todas as pessoas que viveram a mesma situação. Não queria ser mais

uma nas estatísticas.

— Estou te dizendo isso e até mesmo, dando voltas, porque quero deixar claro que casar não é um passo a se dar no momento. Temos nós dois, um filho a caminho, famílias loucas por um bebê ao redor que logo receberão a notícia... Por que não simplesmente focar na nossa bolha em alguns momentos? — indaguei, e ele pareceu entender o que queria dizer. O que me mostrava o grande motivo para querer tanto aquilo.

— Aos poucos, mas sem estar longe... Estou certo? — indagou, e assenti, mais aliviada. — Vou trazer algumas roupas para cá e você, vai fazer o mesmo. — gargalhei, ao notar que

enquanto eu dava um passo, Cael queria dar três.

— É um bom começo para vermos como funcionamos juntos. — sugeriu e sabia que era exatamente por ali que devíamos seguir.

— Um test drive. — provoquei e ele sorriu. — Gosto de como isso soa, e tenho certeza que, vamos aprender muito no caminho.

Ele se ajoelhou, e ficou a minha altura, tocando meu rosto com carinho. Uniu nossas testas, e sorri para como tudo parecia se encaixar.

— Um dia... — pousou as mãos em meu rosto. — Vou conseguir o seu sim.

Neguei com a cabeça, não como uma resposta, mas por ele ser impossível. O que me

fazia pensar que Noctis realmente era seu filho gato perdido.

— Acho que no máximo terá um talvez.

— não pude evitar o deboche e ele sorriu abertamente.

A última vez que lhe dei um talvez, acabara em uma segunda chance para nós. O que poderia nos dar grandes esperanças. Meu *talvez* dizia muito além do que um simples “sim”.



# 08

## insegurança

*Chiara*

— Claro, sem problemas. — respondi pela milésima vez a representante da empresa que teria uma reunião apenas dali duas semanas. — Está marcada e não teremos mudanças. Ao menos, nada previsto.

— *Obrigada por me atender pela quinta vez. — revirei os olhos, já contabilizando em minha mente que se passara da décima. — Tenha um bom dia, senhorita Moreira.*

— Um bom dia para você também, senhorita Pinheiro.

Coloquei o telefone no gancho e encarei minha nova mesa, completamente incrédula. Não conseguia entender como esses assistentes suportavam seus chefes que mandavam confirmar o mesmo compromisso dezenas de vezes. *Qual era a real necessidade daquilo?*

— Deixe-me adivinhar. — a voz de meu mais novo chefe chegou a meus ouvidos.

Levantei o olhar, encarando-o. — Mais uma vez a assistente dos Garcia? — indagou, e assenti, sem conseguir disfarçar meu claro desagrado por ter que lidar com aquilo. Infelizmente, era uma das partes odiosas de meu trabalho. Nem tudo era perfeito.

— Minha cara entrega, não é? — indaguei, e ele assentiu.

Heitor Almeida se mostrava um bom chefe.

— Pode se dizer que sim. — sorriu, e caminhou até minha mesa, deixando uma pasta sobre a mesma. — Preciso que leve isso até Glenda, tudo bem? — indagou e assenti no

mesmo instante. — Fiquei preso o dia toda em reuniões e sequer conseguimos falar sobre o que queria. Pode ser agora?

Ele era o típico chefe preocupado. De alguma forma, via em seu olhar que por mais que já tenhamos nos envolvido, Heitor parecia completamente alheio aquilo. O que era perfeito em minha posição. Não buscava mais nenhum caos na vida. Ainda mais nesse momento, em que sentia que tudo se encaminhava.

— Claro. — engoli em seco, e ele apenas continuou a me encarar. — Pode ser aqui mesmo? — indaguei, e ele assentiu, sentando-se na cadeira a minha frente, sem parecer incomodado.

Nos anos trabalhando na Marini, encontrei diversas vezes, pessoas que usavam seus cargos como desculpas para não poderem se sentar em uma simples cadeira. Se fossem esperar, que fosse em um local especial. Se fossem se sentar, apenas a frente de outra pessoa com o mesmo *patamar*, em suas mentes.

— Bom, é que descobri que estou grávida.  
— falei sem conseguir enrolar e ele piscou algumas vezes, como se absorvendo a informação. — Sei que isso não constava nos documentos que assinei, e no que afirmei, mas... Realmente, não tinha ideia. Descobri ontem e...

— Ei ei! — levantou as mãos, abrindo um

leve sorriso. — Inesperado, certo?

— Completamente. — respondi de imediato. — Sei que pode parecer estranho, e até mesmo, atrapalhar em algo no trabalho, mas...

— Muitos meses até o bebê vir ao mundo?  
— indagou de repente, deixando-me sem entender. — Não tenho porque duvidar da sua palavra. Te conheço há anos e sei o quanto já te admirava como profissional antes de vir para cá. Então, não pense que teremos algum problema por isso.

— Não sei nem o que dizer. — soltei o ar que mal sabia que segurava. — Mas muito obrigada, senhor Almeida.

Ele riu, balançando a cabeça em negativo.

— Heitor. — corrigiu-me mais uma vez.

— Todos me chamam assim, sabe bem disso.

— É o costume. — dei de ombros, e ele pareceu entender. — Vou levar os papéis até a senhora Cortês. — apressei-me a dizer, e peguei a pasta em mãos.

— Certo. A reunião exterior serás as seis horas? — perguntou, encarando seu relógio no pulso.

— Na verdade, as sete. — corrigi-o e ele deu um tapa na testa, claramente cansado. Sorri de sua imagem. Heitor era muito parecido comigo em alguns aspectos. — Posso cancelar, se for

necessário.

— O que acha sobre o cancelamento? —  
indagou, no instante em que arrumei a postura. —  
Sei que é boa em sugestões. Cael sempre lhe  
teceu elogios.

O simples nome de meu namorado, fez-me conter ao máximo um sorriso no rosto. Não conhecia aquele lado dele e mal sabia que falava sobre mim no meio profissional.

— O cliente está esperando há cinco meses e veio junto a família para a cidade. —  
comentei, lembrando-me de minha conversa com o representante da outra empresa. — São esclarecimentos cruciais sobre contratos que



parecem errados, digo, judicialmente.

— Ou seja, não podemos cancelar. — ele parecia terrivelmente aborrecido.

Bateu as mãos do lado da cadeira e deu de ombros.

— Bem, trabalho que segue. — piscou, levantando-se. — E Chiara, parabéns pelo bebê!

— Obrigada.

Falei, percebendo que era a primeira pessoa que me dava tal felicitação. Ainda não tinha entrado em contato com minha família, nem a de Cael. Porém, acabei sorrindo. Levei a mão a barriga, levantando-me com a pasta na outra. Era

uma fase diferente em minha vida, e de alguma forma, seguia um caminho tranquilo.

Ao menos, era o que imaginava.



— É um belo lugar. — falei, andando ao lado de Heitor até nossa mesa.

Sentei-me a sua frente, e deixamos o outro lugar vazio para quem esperávamos. Sem me deixar sequer sugerir, Heitor se adiantou a pedir algo para bebermos, e felizmente, acertou no suco

de maracujá.

Olhei para meu relógio e constatei que ainda faltavam cerca de cinco minutos para o horário marcado.

— Ele ainda não se atrasou. — Heitor comentou, e assenti, sabendo que aqueles cinco minutos poderiam se tornar dez, até mesmo, vinte.

— Quer repassar a pauta dessa reunião?  
— questionei e ele negou veemente.

— Estamos bem e preparados. — piscou um olho, de seu jeito galante. — Estava correta ao sugerir o não cancelamento, tenho analisado esses papéis por um longo tempo. Precisamos

chegar a um acordo hoje, ou então, cancelar a parceria.

— Algo sério. — constatei, sabendo que não poderia me alongar sobre. Minha opinião profissional só lhe era dada, quando achava realmente necessária. — Pelo que conversamos ao telefone, entendi que hoje é um dia crucial para eles também.

— Assim espero. — Heitor deu de ombros, e as bebidas chegaram.

— Obrigada. — falei, tomando um leve gole.

Meu estômago agradeceu e comecei a entender que meu bebê estava feliz com aquele

gosto. Sabia bem por cima de como tudo poderia mudar para mulher durante a gravidez, principalmente, suas vontades. Precisava ler mais, e entender sobre o universo ao qual passara a pertencer.

— Está feliz? — Heitor indagou de repente, após tomar um longo gole de seu vinho.  
— Digo, foi inesperado, não é?

Suspirei e sorri. Não estava mais pirando, não tanto quanto ontem. O que era um grande avanço.

— Acho que posso definir como o tipo de coisa que a gente só sabe que quer quando realmente tem. — sorri abertamente. — Ainda

estou me acostumando com a ideia e pirando um pouco.

— Não quero parecer curioso, mas... De quanto tempo está? — indagou e sorri da forma como ele parecia encantado ao falar sobre.

— Mais de seis semanas. — comentei. — Não consigo lhe dar mais detalhes. Posso ser boa em números, mas exatamente esses, tem me tirado o sono.

— Não desconfiou em momento algum? — indagou, e notei que ele não me julgava, mas sim, parecia querer entender mais. De alguma forma, era como se as perguntas não fossem exatamente para mim. Talvez eu fosse um ensaio

para o que ele tivesse para resolver em sua própria vida.

— Ideia alguma. — engoli em seco. Mesmo já tendo recebido alguns e-mails com resultados dos exames feitos, e a médica alegar que estava tudo *ok*, *um oferecimento da influência e dinheiro dos Marini*, sentia-me culpada. Perguntava-me em que momento, pararia de me martirizar por aquilo. — Acho que não tive o chamado instinto materno. Ao menos, não de imediato.

— Mulheres são a própria complexidade. — concluiu, e dei de ombros, sem poder negar. Se fosse falar por mim mesma, com toda certeza,

poderia concordar. Se olhasse para as mulheres mais próximas a mim, levando Nina e minha mãe em consideração, ele estava coberto de razão. Até mesmo, Anne Liv. Cada qual com suas particularidades. — Oito minutos e contando... — soltou de repente, e concordei com a cabeça, olhando para meu relógio.

Pelo pouco tempo trabalhando com Heitor, percebi duas coisas que realmente prezava – pontualidade e organização. Sentia muito pela pessoa que apareceria dali alguns minutos, com alguma desculpa já solta nos lábios.

Estava de costas para a entrada, mas comecei a me sentir observada. Era estranho,



porque de repente, queria me virar e procurar os olhos que me perseguiam. Era um tanto neurótica também, deveria confessar. Portanto, apenas permaneci na mesma posição, enquanto Heitor se adiantava, e pedia entradas.

— Comida vai me ajudar a não cancelar essa reunião no momento em que o cara chegar.  
— comentou e sorri, sabendo que a fome poderia ser uma péssima aliada. — Parece incomodada.

Na realidade, eu estava.

Suspirei fundo, e quando fui responder, notei o olhar de Heitor mudar, e de repente, um sorriso cafofo tomou conta de seu semblante. Ele olhava fixamente para algo atrás de mim.

— Tenho me feito de burro, porque bom, é sua vida particular. Mas acho que não existe uma pessoa que não viu o vídeo do CEO da Marini sendo rejeitado. — arregalei os olhos e ele sorriu ainda mais.

Pelo jeito, todo aquele momento meu e de Cael havia chegado a todos que conhecíamos.

— Bom, se quiser, pode ir dar um *oi* para ele.

Paralisei, finalmente entendendo que era o olhar do homem que amava que me queimava. Olhei por cima do ombro e pude notar o olhar de Cael em nossa direção, ele tentou disfarçar, vendo que poderia soar como um embaraço, mas sorriu

no segundo seguinte ao me ver fazendo o mesmo.

Cael

— *Sei que Chiara fez parte das amantes  
de Heitor.*

Aquela simples frase rondava minha  
mente.

Sentir não era uma área fácil. Ao menos,

não para mim.

Principalmente, no momento em que a vulnerabilidade tomava conta e tudo que apenas se quer era a reafirmação de ser o suficiente. Suspirei fundo, após me sentar novamente na mesa que já me encontrava por mais de duas horas. Dispensei meu novo assistente, assim como, despedi-me do cliente que viera para a reunião. Meus olhos estavam focados em apenas uma coisa e sabia que parecera perdido em alguns instantes finais daquela reunião – Chiara roubara o momento.

Talvez pelo fato de que descobrira sem querer que ela dormira com o homem que estava

sentado à sua frente, e o veria todos os dias enquanto estivesse no novo emprego. Sabia que poderia durar anos. Chiara não era o tipo de funcionária demitida em qualquer momento. Pelo contrário, sempre fora impecável profissionalmente.

Heitor, seu chefe e o homem que sorria amplamente, sendo presenteado com o sorriso dela também. Ele era apenas mais um dos caras do nosso convívio que já haviam me dito que a levariam para sua empresa, pelo motivo de ela ser realmente boa no que fazia. Bom, de alguma forma, ele tinha conseguido. Porém, não era aquilo que me incomodava.

O problema maior era estar incomodado com o fato de vê-la sorrir tão amplamente para ele, enquanto o ciúme me corrói. Imaginar ou pensar que ambos já se envolveram antes de realmente ficarmos juntos me machucava. Era um fato que começara a me acostumar. Mesmo todos os seus casos sendo passado, ainda assim, doía. Porque era claro, ao menos para mim, que ela poderia encontrar em qualquer um o que escolhera ter comigo.

*Ela te ama*, minha mente zombou. Era no que me apegava para não permitir que o ciúme me cegasse. Confiava em Chiara e sabia que ela jamais agiria pelas minhas costas. Conhecia-a a

muito tempo, o que tornava nossa relação, mesmo que recente, com um passado para se basear. Nunca mentimos um para outro, um fato que me impedia de simplesmente surtar por ter descoberto por outra pessoa que ela já transou com Heitor. A grande questão, que poderia ser apenas grande em minha mente era: *aquilo realmente importava?*

Para meu medo de a perder, com toda certeza. Para ela, era algo que precisava descobrir.

Heitor pareceu me notar e seu sorriso se ampliou. Dei-lhe um leve aceno de cabeça, estando a cerca de quatro mesas dos dois. Notei o

corpo de Chiara sair da postura e sua cabeça girar lentamente, até os olhos recaírem diretamente nos meus. Ela realmente não tinha me visto ali. Poderia ver apenas por sua expressão. Sorri de imediato, mesmo que por dentro, fosse uma grande confusão. Queria-a em minha vida, não podia negar e nem esconder mais. Saber que ela poderia sair correndo, e que não enxergava um futuro assim como eu, deixavam-me inseguro. Porém, o simples olhar que me fora lançado, poderia ser suficiente para aplacar aquela dor que me tocava.

Surpreendendo-me, ela falou algo com Heitor e logo, levantou-se da mesa. A cada passo



em minha direção, percebia o quanto a conversa ouvida entre Pablo e sua noiva não era nada demais, mesmo que tenha me desestabilizado. Chiara parou a minha frente, sentando-se. Minhas mãos coçaram para poder tocá-la, mas sabia que não era o momento.

— Ei, carinho. — falei, e ela sorriu, estendendo-me a mão.

— Perdido? — indagou, sorrindo levemente. — Sabia que estava sendo “perseguida” com o olhar. — fez aspas com os dedos e fora incrível imaginar que não era apenas eu quem notara o quão forte era nossa ligação.

Demorou para perceber. Lembrei de algo

que Anne Liv sempre falava quando mais jovem, talvez fosse a frase mais romântica que a ouvira declarar por aí. Contudo, fazia completo sentido comigo e Chiara.

— Já era amor antes de ser. — falei, e só percebera que fora em voz alta, quando Chiara me encarou intrigada. — Pensamentos em alto.

Levei minha mão até a sua, dando um leve aperto sobre a mesa.

— Te espero para irmos, tudo bem? — indaguei e ela negou de imediato.

— Vá para casa descansar que te encontro lá. — falou, claramente, pensando em meu bem-estar. — Está cansado. — seu tom soou

preocupado, como eu já imaginava.

— Estou sempre cansado de ficar longe de você. — ela prendeu o lábio inferior, claramente, segurando o sorriso. Gostava de brincar com ela, ainda mais, soltando algumas frases cafonas e realistas em meio a conversa. — A propósito, falei com sua médica ao telefone, pois sei que está nervosa com o resultado dos exames.

— Está tudo bem. — confirmou, mostrando-me que já o soubera também.

— E vai ficar melhor... — pisquei um olho, sorrindo para ela. — Não vou mais tomar seu tempo. Mas estarei te esperando, não se esqueça.

— Vá descansar homem! — apertou minha mão com carinho, e sorriu em seguida.

— Só com você, carinho.

Levantei-me e fui até ela, dando-lhe um leve toque no rosto. Ela sorriu, sabendo que não ultrapassaria nenhum limite ali. Olhei para Heitor, e por um segundo, o ciúme não parecera tão forte. Acenara com a cabeça em sua direção, ao mesmo tempo que entendia – meu amor por Chiara, era muito maior. Até mesmo, que minhas inseguranças.

## 09

### sinceridade no amor

*Chiara*

Não me surpreendia o fato de Cael estar do lado de fora do restaurante mesmo após duas longas horas de reunião. Surpreendia-me o fato de que ele realmente não fora para sua casa, nem mesmo, para tomar um banho e depois voltar.

*Aquilo era ser cuidada por alguém?* Fazia um longo tempo desde que tivera algo assim em minha vida. Alguém tão presente e que queria realmente estar. Suspirei e aquela pergunta repassou por minha mente.

Cael estava encostado na porta do carro e suas mãos dentro do bolso da calça social. Seu semblante apenas demonstrava cansaço. Por um segundo, indaguei-me se era aquilo que também transpassava. Entretanto, um sorriso contido se matinha em seus lábios, como se a prova de que mesmo um dia intenso no trabalho não era suficiente para nos desgastar a ponto de não querer estar um com o outro. Era estranho ter

alguém daquela forma. Uma descoberta nova a cada dia desde seu pedido inusitado.

Sem que percebesse, minha mão estava na barriga, em um gesto, que aos poucos me acostumava – estar conectada ao meu filho. Notei por seu olhar, que passou de meu rosto para aquele local enquanto me aproximava. Cael parecia extasiado. Tive a confirmação, quando me aproximei, e suas mãos foram diretamente para ali, como se reconhecendo-nos. Apenas conseguia imaginar como seria dali alguns meses, quando realmente, poderíamos senti-lo.

— Oi, carinho. — falou, e seus lábios desceram para os meus de imediato. Não existia

mais motivo para apenas agirmos cordialmente.

O doce beijo fora o suficiente para me dar uma respectiva completa sobre nós. Éramos tão bons juntos que chegava a ser assustador. Agarrei-me a sua camisa e percebi que era difícil lidar com toda aquela dimensão de sentimentos.

Éramos dias contados. Um caso de dois anos. Dois meses de sentimentos confusos e uma declaração rejeitada. Uma distância imposta e de um recomeço para ambos. Para nós. Agora, uma intensidade sem igual e um bebê a caminho. *O quanto maluca poderia parecer nossa história, se um dia contada a alguém? Ou seria apenas um clichê fofo para se ouvir, ler ou assistir na tarde*



*de domingo?*

— Isso que eu chamo de renovar as energias. — falei, assim que afastamos os lábios, sentindo seus carinhos em minha barriga. — Oi, baby.

— Ainda vamos conversar sobre isso — gargalhei, sabendo que falava sobre o apelido. — Está muito cansada? — seu tom mudou, e pareceu-me, genuinamente preocupado. Porém, uma centelha de algo que desconhecia, passara por seu profundo azul. *O que se passava na mente de Cael?*

Suspirei pesadamente, encaixando-me ainda mais em seu peito.

— Do trabalho, um pouco. — fui sincera e o encarei profundamente. — Da gente... — fiz um sinal entre nós e ele engoliu em seco, o que me provara que não estava imaginando coisas. Cael demonstrava algum incômodo, sobre algo que não entendia. Bom, *ainda* não. — Nem um pouco. Só quero chegar em casa, alimentar meu gato e me perder no seu corpo.

Seu semblante se transformou e percebi o quanto amava aquelas nuances. Do apaixonado, para o desconhecido, para o sexy como inferno em poucos segundos. Cael Marini era realmente um pecado de terno. Ao menos, todo meu.



Assim que abri a porta de meu apartamento, Noctis, que adorava agir como um cachorro, já miava e passava por nossas pernas. Cael se abaixou e pegou o pequeno no colo, o que me fez revirar os olhos. Aquela interação entre eles era tão genuína que meu ciúme pela forma como, claramente, Cael se apaixonara por ele e vice-versa, sequer poderia entrar em jogo. Entretanto, adorava provocar Noctis com aquilo. E sabia que encarregaria Cael, em algum

momento, de ser o responsável pelos petiscos caríssimos. *Dê amor, mas também, dê comida.* O mesmo, valia para receber.

Joguei a bolsa sobre o sofá e me sentei em seguida. Cael permaneceu em pé, com Noctis a tiracolo. Revirei os olhos, fazendo-o gargalhar. Estralei o pescoço, esticando-me por completo. Já eram mais de nove e meia e agradei internamente por não trabalhar no dia seguinte.

— Eu já amo a AIA. — comentei, e notei uma leve tensão no corpo do homem que parecia reduzir todo o ambiente a ele. *O que diabos acontecia?*

— Sério? Por que? — indagou baixo,

andando com Noctis em seus braços, até o balcão que separava a cozinha da sala, encostando-se. — O trabalho é diferente?

— Na verdade, só consigo pensar que não trabalho aos sábados e... Amanhã é sábado. — abri os braços, sorrindo amplamente e me levantando, para fazer minha velha dancinha da vitória.

A gargalhada de Cael tomara o ambiente e sabia o quão ridícula poderia parecer, exposta daquela forma. Contudo, não me importava. Se me queria, teria que aceitar cada pequena parte, até mesmo, a mais irrelevante. Como ter a namorada com os dedos para cima, dando um

giro sobre o tapete da sala, porque não trabalhava no dia seguinte. E mais, teria que apoiar aquilo.

As palmas que vieram em seguida, fizeram-me encará-lo e gargalhei também, parando. Andei até o seu lado, dando um leve beijo em sua boca e afagando a cabeça de Noctis, que estava sobre seu colo, já que Cael sentara em uma das banquetas.

— Com fome não estamos, certo? — indaguei, e andei até a geladeira, pegando uma garrafa de água. Vi de relance, Cael negar com a cabeça.

Bebi um longo gole, cobrando-me mentalmente para comprar a garrafa de dois litros

e levá-la ao trabalho todos os dias, como tê-la em casa, como meta a ser cumprida. Eu e minhas promessas de ano novo éramos opostas completas. Nina até levantara a teoria que se não colocasse como meta, funcionaria. Talvez, ela realmente estivesse certa.

Parei ao lado de Cael, escorando-me sobre a bancada.

— O que está passando por sua mente? — indaguei, e ele desviou o olhar, como se querendo disfarçar o assunto. Sequer sabia do que se tratava, mas era uma nova pauta. — Parece fugir de algo ou não querer falar sobre.

Ele suspirou profundamente e seus olhos

se voltaram para os meus.

— Já se envolveu com Heitor, não é?

A pergunta era uma grande surpresa, e não conseguia imaginar por que se tornara presente entre nós. Minha mente entrou em combustão, como se todas as peças se encaixassem. A forma que Cael me encarava, até mesmo, quando parei a sua frente no restaurante — ciúme, insegurança, talvez a mistura dos dois... Nunca o imaginei daquela forma.

— Sim. — falei e dei de ombros, querendo demonstrar que não me era relevante. Pois, realmente, não o era. — Por que essa questão?



— Por que não me contou sobre? —  
rebateu e notei aquele mesmo olhar perdido.  
Deixando a garrafa de lado, toquei seu rosto com  
carinho.

— Bom, porque não é algo de  
importância. — confessei. — Não passou por  
minha mente me virar e dizer: Cael, já transei  
com meu novo chefe. — dei de ombros, e ele  
apenas assentiu. — Por que isso parece ser um  
grande incômodo para você?

— Por te amar? — a pergunta soou mais  
baixa, como se ele realmente não soubesse lidar  
com aquilo.

Colocando-me em seu lugar, imaginar-

me-ia da mesma forma. Porém, era bom não encontrar repreensão. Cael parecia incomodado e até mesmo, enciumado, mas não a ponto de me cobrar sobre algo que nos levaria a uma discussão sem fim.

— Nosso passado é apenas isso, passado. — comentei. — Pode parecer estranho para muita gente, e sim, muitas pessoas não sabem lidar com isso. Mas nós saímos de um relacionamento aberto, Cael. Sabemos bem o que é ceder liberdade um para o outro, assim como, confiança. Já transei com Heitor? Sim! Os seus outros casos, que posso afirmar, foram vários, mesmo quando as reencontra em algum lugar, te

fazem pensar sobre?

— Prazer e nada mais. — falou e sabia que aquele era um dos bordões que ele utilizava para deixar claro o que queria. Nunca entendi de fato porque não o usara comigo. Talvez no fim, porque chegaríamos no que temos agora. — Foram momentos que passaram, enquanto você permanecia. Hoje, vejo com tanta clareza, que me assusta o fato de não ter percebido antes.

— Bom, demorei mais de um ano e oito meses para perceber também. — pisquei e ele sorriu, parecendo mais leve. — Mesmo assim, vamos por partes. Primeira, como soube sobre Heitor? — indaguei, sem mais conseguir conter

minha curiosidade. — A segunda, realmente se sente inseguro sobre isso?

— Bruna, a noiva de Pablo. — olhei-o ainda mais perdida. Mas anotei mentalmente o que poderia ser repassado para Nina. — Estava indo à sala de Pablo, e parei quando a ouvi falando sobre você. Basicamente, ela disse que sabia que você já tinha transado com Heitor. Depois continuou dizendo algo sobre ele tê-la traído. Partes que ignorei. — confessou e o encarei ainda mais curiosa. Com a certeza de que passaria aquilo para minha irmã. — Pensei em te ligar e perguntar, mas senti que ia parecer um idiota. Mesmo sendo verdade, sei que não é algo

de agora. Confio em você. — seu olhar se perdeu do meu. — Acho que no fundo, posso ser muito bom para lidar com várias coisas, mas com a insegurança, ainda estou aprendendo. Nunca me senti dessa forma.

Aquilo me admirava, a forma como ele era sincero sobre seus sentimentos. Existia um estigma tão grande sobre homens serem invulneráveis e a força de uma relação, a ponto de ler e ouvir que mulheres necessariamente precisam de um homem para ter estabilidade em suas vidas. Em todos os sentidos: financeiro, emocional e até mesmo, físico.

Era bom ver que era apenas mais uma

imposição da sociedade, que não deixava de ser uma verdade para muitos casos. Porém, era extremamente gratificante, ver aquele estigma ser estraçalhando. Homens sentem, assim como mulheres. Todo mundo chega a ser vulnerável e tem de buscar força em si mesmo. E a sinceridade entre duas pessoas, assim como construir algo sobre mentiras, era um caminho sem volta.

— Não te falei sobre Heitor porque, realmente, é irrelevante para mim. Assim como, todos os outros caras antes de ficarmos juntos. — fiz questão de pontuar e ele assentiu. — Nunca te pedi uma lista de suas amantes, e aposto que se visse, conheceria muitas delas de outra empresa.

Até mesmo na qual trabalho agora. Prepare-se para o meu ciúme em algum momento! — provoquei ao fim, como a forma de dizer: ei, eu também passo por isso.

— Nunca me senti assim com ninguém, Chia. — falou, e respirou profundamente. — Não sei se faz sentido, mas... Senti um ciúme absurdo, assim como, fiquei estático. Na realidade, tem sido complicado imaginar que no passado tudo parecia simples e descomplicado. Outros te tocavam e eu...

— Tocava outras. Transávamos com outras pessoas, para ser mais exata. — complementei e ele assentiu. — Isso só me

incomodou tanto tempo depois que entendo que pareça estranho se importar agora. Mas vamos simplesmente viver isso, e bom, talvez seja o nosso tempo.

— Fico feliz por não parecer maluco. — confessou e tive que sorrir, beijando-o rapidamente. — Não vou tomar seu posto, prometo.

— Ei! — bati levemente em seu ombro e ele pareceu relaxar. — Acho que está tudo bem, já está até me provocando. Mas pode deixar, permito que fique com cinco por cento da parte maluca dessa relação.

— Não esqueçamos que pode vir uma



criança com seu gênio, em breve... — suas palavras me aterrorizaram por completo. Ele levou a mão a minha barriga e fiquei estática. — Imagina, um mini furacão pela casa.

Pensei e repensei, assim como, a ideia me assustara por completo. Olhei para Noctis e refleti sobre uma certeza.

— Vai ser ainda mais incontrollável que ele. — apontei para o gato manhoso, que me encarou com os olhos azuis desgostosos. — Posso dizer adeus a minhas maquiagens que serão quebradas? — indaguei, conseguindo visualizar tudo em minha mente.

A gargalhada alta de Cael apenas

comprovava que estava certa.

— Daqui alguns anos, carinho. Ainda tem um longo tempo para apenas Noctis quebrar a casa.

— Estou perdida. — falei, e levei a mão ao peito.

— Fico feliz em termos isso. — olhei-o interessada, e por um segundo, esqueci-me da cena imaginada de nosso filho jogando meus iluminadores pelo chão e eles sendo destroçados. Balancei a cabeça, tentando espantar aquilo. — De conversarmos abertamente, das coisas mais simples as de grande importância.

— Bom, vale para tudo! Qualquer que

seja o assunto, vamos conversar. Vamos fazer isso aqui. — fiz um sinal entre nós, e me aproximei mais. — Até mesmo, falar sobre nosso filho indo pelo lado negativo de Noctis. Uma péssima influência, aliás. — ele sorriu abertamente, e acabei por fazer o mesmo. — Mas enfim, a base de qualquer relacionamento é a confiança, Cael. Temos isso e temos amor, nada falta. A não ser, aprendermos mais e mais. Aliás, entre nós, cabe apenas confiança, amor e prazer. — pontuei e ele sorriu, assentindo.

— Agora vejo porque não quis se casar comigo. — falou, mas pela primeira vez, não me pareceu decepcionado. — Ainda temos muito que

fortalecer nesses três pilares e muitos outros.

— No momento, eu escolho o prazer. —  
falei, e seu olhar mudou instantaneamente. —  
Especificamente, debaixo de uma ducha quente.

— Você realmente quer me enlouquecer.  
— falou, e rapidamente, deixou Noctis sobre a  
outra banquetta, levantando-se e me puxando para  
seu corpo. — Ducha ou cozinha? — indagou,  
naquele tom sexy e rouco que me deixava  
inebriada por sua presença. A postura de homem  
que sabia exatamente o que queria, assim como  
eu.

— Ducha e cozinha, que tal? — sorri,  
puxando seu lábio inferior com os dentes. Nossos

lábios se encontraram, e senti meu corpo ser levantado e colocado sobre a bancada segundos depois. Não precisei pensar em mais nada para entender que ali mesmo, um de nossos pilares se fortaleceria.

Prazer, o mais puro de todos.

# 10

a gente se estranha, a gente se ama

*Chiara*

— Acha mesmo uma boa ideia que nossa família saiba da gravidez em um só jantar? — indaguei, admirando a vista maravilhosa, do corpo de Cael com apenas uma toalha preta na cintura. Algumas gotas de água ainda escorriam

pelo seu peitoral e senti meu corpo arder. Era impressão minha ou ele ficara mais bonito nos últimos dias?

Ele parou com a outra toalha nos cabelos negros, e me encarou, com um sorriso cafajeste pendendo para o lado esquerdo do rosto. Sabia que me desestabilizava e parecia estar fazendo de propósito cada passo de sedução, como se para me deixar louca por ele. Aquele era o tipo de joguinho que Cael realmente gostava, no qual, eu sempre acabava bem satisfeita, assim como ele.

— Está muito ansiosa para contar a elas?  
— indagou e veio até mim, sentando-se ao meu lado na cama. Segurei-me para não esquecer

aquele papo e subir em seu corpo. Meneei a cabeça, tentando afastar os pensamentos pecadores.

— Sim e não. Acho que minha mãe vai surtar de felicidade e Nina de incredulidade. — comentei, sorrindo amplamente ao imaginar os rostos de ambas quando receberem a notícia.

Completavam apenas alguns dias e mesmo assim, Cael e eu, apenas enrolávamos, como se buscando uma maneira bonita de contar a todos. Até ele ter a ideia de um jantar na casa de seus pais, com a desculpa de oficialização do nosso namoro, e Noctis seria o responsável a contar a todos sobre o real motivo. Era uma boa



ideia, apenas não sabia se funcionaria como planejávamos.

— Mas, mesmo estando na casa de seus pais, isso não será impedimento para Nina. — alertei e ele acabou revirando os olhos, como se estivesse cansado de me ouvir falar sobre. — É sério! Já te disse como ela é. Se a tal noiva de Pablo estiver lá, nosso plano de ser o destaque da noite vai por água abaixo.

— Vou dar um jeito nisso. — comentou e tocou meu rosto, trazendo arrepios para cada parte de minha pele. — Ainda mais, que preciso falar com Pablo e entender porque Bruna estava falando sobre você.

— Por que sou muito famosa? — indaguei de supetão, brincando. — Oh desculpe, o famoso entre nós, é você. — debochei, e ele fechou o semblante, fazendo-me gargalhar.

De repente, apenas senti meu corpo ser jogado de volta para o colchão e o dele me cobrir. Meu sorriso se foi no mesmo instante, no momento que os olhos azuis me embargaram. Uma de suas mãos, prendeu a minha sobre a cabeça, deixando-me completamente exposta. Debaixo do lençol, vestia apenas uma calcinha, que mesmo não sendo extremamente pequena, não cobria muito. Ele me analisou e sua clara admiração, fez-me arfar.

— O que quer de mim, chefe? — indaguei, e ele rosnou. Sabia o quanto uma simples palavrinha mexia com sua cabeça, e bom, o resto de seu corpo.

— Sabe o que penso em fazer toda vez que me provoca? — rebateu, e seus lábios desceram para meu pescoço, marcando-me de forma que apenas eu saberia o quanto era sua.

— Não sei... — respondi, ainda presa por sua mão, mas tentando a todo custo me soltar e o tocar como queria. — Me foder até a exaustão? — perguntei, e seus lábios subiram para minha orelha, puxando o lóbulo com os dentes. Ele sabia que era meu ponto fraco e usava a seu favor. —

Cael!

— Na verdade, te castigar da forma que te faria pensar duas vezes antes de me provocar.

— Nunca penso antes disso, chefe. — pisquei e seu sorriso de lobo, amoleceu. — Sabe como sou.

— E é por isso que apenas penso e nunca faço. Não conseguiria te negar o prazer. — seus lábios desceram para meu colo, traçando uma linha de beijos molhados por todos meus seios e seguindo para baixo. — Porque te dar prazer é uma das minhas partes favoritas de nós.

— Ah é? — indaguei, quase sem voz quando seus lábios chegaram a minhas coxas. —

Qual é a outra parte favorita?

— Quando nos perdemos um no outro.

Não consegui falar mais nada, pois ele sequer me deu tempo para raciocinar. Em segundos, a calcinha já não era um empecilho e sua boca, tomara o lugar. Arfei, perdida no prazer que ele me proporcionava como ninguém. Dois anos nos perdendo no corpo um do outro, era um fato. E aos poucos, aprendemos muito sobre como cada um buscava o prazer. Nos pequenos detalhes, até mesmo do sexo, a gente se encontrava. Joguei a cabeça para trás, perdida em sensações e sabendo que mesmo quando era apenas sexo, nunca me pareceu de fato. A ligação

que tínhamos ia além do carnal e da atração. Era como se todo meu interior gritasse por seu toque.

Quando ele me tocava, sabia que era exatamente ali que queria estar.

*Cael*

No fundo, eu estava aterrorizado. Ao mesmo tempo que, tentava parecer que tinha tudo

sob controle. Olhei para os papéis mais uma vez, revisando-os, sem a mínima concentração. Levei as mãos aos cabelos, e tentei entender, como poderia estar tão perdido no que tanto amava fazer. A resposta era clara e simples. A mesma que tivera quando a perdera de vista. A razão de minha falta de foco: Chiara Moreira.

Um sorriso surgiu em meu rosto, apenas por me lembrar. Era engraçado saber que me enfiei no escritório de meu apartamento as quatro da manhã, apenas para que quando ela acordasse, pudesse passar o resto do dia ao seu lado. Portanto, tinha das quatro até o horário que ela despertasse para conseguir trabalhar. Não gostava

de levar trabalho para casa, mas se tornara, quase que uma rotina. Chiara conhecia esse meu lado. Não sabia ao certo, em alguns momentos, a hora de parar. Muitos deles, ela era quem me tirava, trazendo-me para sua teia de sedução.

Naquele, tinha-a em minha cama, dormindo tranquilamente, junto a nosso filho que carregava no ventre, além de seu gato, que viera como brinde para passar o domingo comigo. Não queria ser a pessoa que deixa quem ama de lado pelo trabalho, mas também, ainda era difícil conciliar tudo. Portanto, aquele era o momento de começar a entender. Sempre tive prioridades na vida. O prazer perdido em momentos pré-



marcados era um deles, mas caíra completamente por terra e nunca passara do patamar de meu trabalho. Chiara era diferente. Assim como o que estávamos construindo, era completamente diferente.

Apenas queria esquecer o trabalho e focar em passar todo o tempo que poderia com eles. Que as folhas se acumulassem e os dias de semana fossem mais longos, mas queria ter um dia livre, e curtir aquele momento. No qual, construía algo que imaginei nunca chegar a ter. Não por medo do amor ou falta do mesmo. Pelo simples fato de nunca ter enxergado em alguém a verdade sobre o sentimento por mim, e ainda

mais, encontrado o mesmo em meu interior. Com ela, acontecera.

— Chega! — falei e afastei-me com a cadeira.

Levantei rapidamente, abrindo meu robe e saindo do escritório. Rumei até o quarto e assim que abri a porta, esperando encontrar Chiara na cama, da forma que a deixei, assustei-me ao ver os lençóis revirados e travesseiros jogados. Apenas Noctis permanecera ali, dormindo serenamente.

Um xingamento vindo do banheiro chamou minha atenção e fui até lá. Assim que parei no batente na porta, meu coração falhou

uma batida pela cena. Chiara estava sentada no chão, a alguns centímetros da privada, com as mãos na barriga, conversando baixinho com nosso filho. Os cabelos loiros estavam revoltos, assim como minha camisa que ela usara como pijama naquela noite. Ela sorria, ao mesmo tempo que fazia caretas para a barriga. Aquela inteiração era algo que nunca gostaria de perder. E não precisava ser um gênio para saber que ela passara mal, e em vez de estar ao seu lado, me encontrava tentando focar no trabalho.

— Vamos combinar assim. — consegui ouvir, assim que dei alguns passos para perto, e ela parecia já ter notado minha presença. —

## PERIGOSAS NACIONAIS

Quando nascer, vai vomitar a vontade em cima do seu pai. — falou e seus olhos verdes de voltaram para os meus.

Sorri, e ela fez o mesmo, mas podia notar o quanto seu semblante parecia cansado.

— Tudo bem? — indaguei, passando a mão em seu rosto, e ela encostou a cabeça contra os azulejos.

— Acho que agora sim posso ser chamada de grávida. — debochou, sorrindo amplamente. — Já é a segunda vez que corro para o banheiro e, adendo, só consegui abrir os olhos no último instante. Sono e vômitos, agora sim está fazendo sentido. — falou mais fraca e bocejou.

## PERIGOSAS ACHERON

— Vem cá!

Levantei-a com cuidado, praticamente a carregando até a pia. Chiara escovou os dentes e jogou uma água no rosto, e me encarou pelo reflexo. Um leve sorriso se abriu, como se ela estivesse genuinamente feliz. Era um semblante que desconhecia e de repente, se tornou algo pelo qual lutaria todos os dias.

Abracei-a com cuidado, tocando em sua barriga, e ela fez o mesmo em seguida, encostando a cabeça em meu peito.

— Bom dia, baby. — falou, encarando-me profundamente.

Apesar dos pesares, aquele sim, era o jeito

# PERIGOSAS NACIONAIS

certo de passar meu domingo e começar o dia.

Aliás, todos eles.

# PERIGOSAS ACHERON

# 11

## preparativos

Chiara

— *Tem certeza que está mesmo bem?* —

*Nina perguntou pela milésima vez, olhando-me profundamente, mesmo que pela tela do celular.*

*Preparava um suco de maracujá, enquanto ela me julgava com sua análise.*

— Por que a ideia de um jantar parece tão ruim assim? — rebati, e parei, encarando-a. Nina sequer precisou pensar, como se a resposta já estava em sua língua desde que a convidei.

— *Não é a ideia do jantar, mas sim, essa sua cara de que está escondendo algo que me deixa receosa. — engoli em seco, ao mesmo tempo que forcei um sorriso. — Me diz logo, vai se casar? — indagou e arregalei os olhos e levei a mão até o peito, como se me fingindo de ofendida. — Chiara!*

— Não vou me casar. — falei, sem deixar dúvidas de que era verdade. Se ela soubesse que o jantar tinha um motivo ainda maior... — Além



disso, você vai ter um motivo para ver Pablo sem brigar. — constatei.

— *Não prometo nada. — finalmente, um sorriso afiado surgiu em seu rosto.*

— Nina! — tentei pará-la, mas sabia que minha irmã não era uma pessoa controlável. Nem um pouco.

— *Pablo e eu acabamos, de vez. — sua voz mudou, como se ela quisesse se convencer daquilo. — Além de querer tirar fio por fio do cabelo daquela imitação barata do Keanu gostoso Reeves, está tudo acertado. Mas não posso prometer nada se ele e a noiva enfadonha me provocarem.*

Gargalhei alto de suas comparações. Finalmente, tendo noção de quem Pablo sempre me lembrara. Sorri ainda mais, da forma como o vocabulário de Nina mudava repentinamente.

— O que é considerado provocação na sua concepção, Nina Moreira?

Ela deu de ombros, sorrindo ainda mais.

— *Se eles simplesmente ousarem me olhar. — mordi a língua, segurando a risada, antes de ela continuar. — Além disso, posso levar um convidado? — indagou e a encarei, sabendo que Nina faria aquilo de propósito.*

— Em quem está pensando? — indaguei de imediato.

Ouvi um barulho vindo da sala, e Cael andava tranquilamente até mim. Tínhamos acabado de almoçar e infelizmente seu celular tocou, e sabia como era, ele tinha que atender. Entendia, melhor do que ninguém, como seus horários e o trabalho eram malucos. Antes que pudesse falar algo, ele veio até mim, e enlaçou minha cintura, dando um leve beijo em meu pescoço.

— Falando sozinha? — indagou, e gargalhei, ao notar o olhar mortal de minha irmã na tela.

— *O Tony Stark de Taubaté!* — *escorei-me no balcão para não cair pela risada,*

*enquanto via a confusão nos olhos de Cael, que os arregalou em seguida. — Ainda precisa pedir a minha bênção para ficar assim como a minha irmãzinha!*

— Por Deus, Nina! — ri ainda mais, e Cael pareceu perceber que sequer me aguentava em pé, segurando-me. — Estava convidando minha querida irmã para o jantar. — falei, e Cael assentiu, sorrindo em seguida.

— Olá, Nina! — ele falou e deu-lhe um aceno com a cabeça. — Vou deixá-las conversar em paz. — beijou o topo de minha cabeça e me soltou, quando percebeu que já tinha me recuperado. — Até o jantar então, Nina. Pode

deixar, vou pedir sua benção. — brincou e piscou para minha irmã, que me encarou perplexa, no segundo em que ele saiu da cozinha e seguiu para a sala, jogando-se no sofá ao lado de Noctis.

— *Ok, depois de ter que ver essa melação toda... — fingiu ânsia e sorriu em seguida. Sabia que ela estava feliz por mim, mesmo com o pé atrás sobre Cael. Entretanto, ainda não existiam outros motivos para ela me querer longe dele. A cada dia, tinha surgiam prós, e ela sabia. Já visualizava sua reação quando soubesse como ele reagira a gravidez. — Vou levar Lúcio.*

— Você não vale nada! — rebati. — O que fez para convencê-lo? Ele odeia sair do

interior.

— *Mostrei uma foto de Anne Liv. — arregalei os olhos, e de repente, senti os de Cael sobre mim. — E vamos combinar que Lúcio é um pedaço de mal caminho, e sua ex chefe pode querer se esbaldar por uma noite. — mudei de foco, e notei uma careta no rosto de meu namorado. — Cael ainda está ouvindo? — indagou e assenti. Nina pareceu não se importar. — Mas enfim, Lúcio tem um motivo muito mais nobre para ir – ajudar uma amiga.*

— Pablo vai surtar. — a voz de Cael reverberou pelo ambiente, e sabia que ele queria que ela ouvisse. Encarei-o interessada, pois nunca

entramos de fato naquele assunto. Ele deu de ombros e levantou as mãos em sinal de rendição. — Ele é como um irmão mais velho para mim, mas sei que está fazendo merda. Sei basicamente tudo o que ele teve com sua irmã... Digamos que quando ele bebe, não existe outro assunto. Enfim, o que posso dizer é que ele vai surtar ao ver Nina levando outra pessoa.

Fiquei paralisada, diante de todas as informações.

— *Já tem minha benção, Tony. — Nina praticamente gritou ao telefone, e Cael sorriu do sofá.*

— Nina, tem certeza que é o melhor

caminho? — indaguei, de repente, sentindo-me preocupada com o que aquilo acarretaria.

— *Ele vai se casar, e não há nada que possa fazer para mudar isso.*

Aquilo era estranho, ainda mais, vindo de Nina. Ela era uma pessoa que não desistia facilmente do que queria, nem mesmo, pensava em desistir. Algo acontecera na festa de Anne Liv. Algo que ela não me contara.

— *Mas... o foco é o seu relacionamento, Pepper Potts! — sorri, sabendo que aquele era o efeito Nina. Uma metralhadora verbal indelicada e cômica. — Vou falar com nossa mãe, mas com certeza podemos ir. Nessa terça, certo? —*



*indagou e assenti, sentindo minhas mãos trêmulas de repente.*

Queríamos deixar para o final de semana, mas já estava a ponto de surtar por não contar para minha família, assim como Cael. Por um segundo quis apenas esquecer o jantar e gritar para ela que seria titia. Porém, também queria romance em minha vida. E daquela maneira, construído por nós, parecia funcionar. Um jantar, famílias reunidas, um gatinho mensageiro e a surpresa da gravidez. Apenas esperava que tudo desse certo.



— *Como assim, mamãe? — a pergunta baixa e chorosa, fez-me quase perder o tom de autoridade. — Por que a gente não pode sair e correr por aí?*

*Virei-me e encarei os cabelos escuros, idênticos aos do pai, assim como os olhos azuis. Como podia ter puxado tanto para ele fisicamente, e no fim, ser todinha eu por dentro?*

— *Érica, eu já disse que está tarde...*

— *Anneliese vai comigo, qual o problema? — perguntou, cruzando os braços, em*

*uma mania que me faria rir, se não estivesse no modus operandi de mãe.*

*— Porque ela é apenas alguns minutos mais velha que você e mal completaram 15 anos!*

*— repreendia-a. — Além de que, temos um programa em família hoje.*

*— Não envolve bola e um gol, tenho certeza. — ralhou, ainda me desafiando com o olhar.*

*— Quem disse que não? — plantei a pergunta em sua mente e seu olhar mudou de repente, como se começasse a entender. — Vai se arrumar, que assim que seu pai chegar, vamos sair.*

*Ela soltou um gritinho animado e me abraçou com força, quase me derrubando.*

— Ei! — a voz grossa me chamou atenção e senti meu corpo leve, no segundo seguinte, contra algo quente e aconchegante. — Carinho, acorda.

Abri os olhos no mesmo instante, finalmente percebendo que estava presa a um sonho. Notei que estava com um braço de Cael na cintura e quase na beirada da cama.

— Um sonho turbulento. — ele falou e tocou meu rosto, claramente, analisando-me.

— Não imagina o quanto. — comentei e encarei a televisão, na qual passava o desenho

com o qual acabara dormindo — Barbie — a princesa e plebeia. Só poderia ser alguma loucura de minha mente, internalizando aquilo. Não poderia ser algum sinal ou instinto materno.

*Poderia?*

— Quer falar sobre? — indagou, e notei seu rosto amassado, como se tivesse cochilado também.

Abri a boca para responder, no mesmo segundo que a campainha tocou cinco vezes seguidas. Olhei-o perplexa e Cael revirou os olhos.

— Só uma pessoa faz isso. — comentou e sorri, já me lembrando de como uma certa ex

chefe poderia ser insistente. — Já volto!

Deu-me um leve beijo nos lábios e se levantou. Aprumei-me rapidamente, e me levantei, andando descalça mesmo, até chegar à sala de estar. Anne Liv estava à frente de Cael, praticamente jogada em seu colo, abraçando-o com tanta força que sequer conseguia entender o que acontecia.

— *Tá* tudo bem? — indaguei e seus olhos recaíram em mim. — E aí, chefe preferida?

— E aí cunhadinha perfeita? — provocou e veio até mim, no segundo seguinte. Sem que esperasse, ela fez o mesmo comigo, só que com mais cuidado. — Como está? E por que armaram

o jantar? Por que ninguém me diz nada?

Fiquei perplexa com suas perguntas, sem entender o porquê de ela as fazer.

— Anne Liv, deixa ela respirar. — a voz de Cael soou mais séria, e ele praticamente arrancou a irmã de mim, que pareceu não se importar.

— Não estou entendendo nada. — falei, e o suspiro profundo de Cael, pareceu denunciar algo mais. — O que houve?

— Liguei para Anne e...

— Cael me ligou, contando do jantar e então uni o óbvio! — bateu palmas e suas mãos

desceram para minha barriga, claramente, admirada. — Esqueceram de um detalhe crucial, na verdade, dois deles. Um: sempre fui a pessoa que os via como casal e torcia por isso. Dois: fui eu quem vi você desmaiada e depois disso, dizer que era só a pressão baixa. — arregalei os olhos, sabendo o quanto Anne Liv era perspicaz. — Conversando com Leo sobre isso, tive algumas dúvidas sanadas... Além da boa e velha internet. Joguei verde com Cael e adivinha quem caiu perfeitamente!

Olhei para ele, completamente inconformada.

— Abri a porta e ela me disse “parabéns



papai do ano”. — comentou exasperado, claramente, decepcionado por não ter disfarçado. — Era para ser uma surpresa para todos.

— Eu finjo bem. — comentou e notei seus olhos marejados. — E agora, posso ajudar a deixar tudo ainda mais misterioso. — olhei para sua animação, e por um segundo, sua frase me pegou.

— Pera aí... Como assim, conversou com “o Leo” ...— fiz aspas com os dedos, e notei Cael segurar a risada. — Desde quando ele se tornou “Leo”?

— Não é nada demais! — falou de repente, sem segurança alguma. — Qual é, não é

minha vida em pauta aqui. — tentou contornar a situação, mas não desistiria.

— Um segredo por outro, chefinha. — dei de ombros, cruzando os braços e ela suspirou.

— Preciso de um vinho antes.

Sorri, e acenei para Cael, que foi até a cozinha. Existia algo diferente no semblante de Anne Liv, e começara a entender de fato toda a tensão entre ela e Leonardo em seu aniversário. Eles, com toda certeza, ultrapassaram a linha, assim como eu e Cael. Aquilo poderia dar uma boa história, e estava louca para ouvi-la. O que me ajudava a esquecer o sono esquisito com duas mini Cael como filhas.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

# 12

## casos de família

Chiara

Paralisei assim que chegamos à casa dos Marini. De repente, todo o contexto, que em algum momento, trouxe-me para aquela mansão, caiu por terra. Não era mais algum assunto ou evento de domingo que fora convidada. *Eu* era

um dos assuntos principais a serem tratados, em um jantar organizado por eles para oficializar meu relacionamento. Passei as mãos na calça e tentei disfarçar meu nervosismo. Sentia os olhos de minha mãe e irmã queimando sobre meu corpo.

— Será que dá para se acalmar? — Nina perguntou e logo parou a minha frente, segurando meus ombros. — Já estive aqui uma centena de vezes.

— Mas não como namorada do filho deles. — *e como mãe de seu neto, completei em pensamento.* Minha fala saiu quase em um sussurro e Nina revirou os olhos. — É sério! —

bati com a pequena bolsa em seu ombro, assim que ela sorriu amplamente. No fundo, era bom ela imaginar que pirava apenas por aquilo. Existia muito mais.

— Vamos lá, gata! — Lúcio falou, vindo até mim. Puxou-me para um abraço, da forma que sempre me acalmara quando mais novos. — Está se preocupando à toa, como sempre.

Apenas assenti e senti um leve beijo na testa. Meu celular vibrou e encarei a tela.

— Cael está perguntando se já chegamos. — informei e os três pares de olhos recaíram em mim. Que no fim, se tornaram quatro, já que Noctis acordou no colo de minha mãe, para me

encarar, como se me julgasse pela mentira armada. *Filho mau!*

— Vamos logo com isso, filha. — mamãe falou e praticamente me arrastou pelo braço. Ninguém parava Clarice Moreira, e sabia bem daquilo. Se meu gênio e de Nina eram o diabo, o dela, com toda certeza, era o inferno inteiro.

Disquei o número de Cael, à frente do belo portão, sem coragem de entrar.

— *Ei, estamos aqui na frente. — falei rapidamente, e ouvi seu suspiro ao fundo.*

— Graças a Deus! — não entendia o porquê de seu claro alívio. — Anne Liv está quase dando com a língua nos dentes.

*— Merda! — reclamei, e senti a análise clara no olhar de minha. Forcei um sorriso e foquei em apenas responder Cael. — Aqui estamos, então... Não tem mais tempo a perder, não é? — indaguei, de forma que não soasse suspeita. No fundo, sentia que todos desconfiavam de nós, mesmo que não existissem razões.*

*— Estou saindo, carinho.*

*— Ok.*

Desfiz a ligação e minha mãe abriu a boca para perguntar algo no instante em que a voz de Nina soou ácida.



— *Show time*, Lúcio!

Olhei para os dois que estavam a nossas costas, e notei a forma como se portavam como um casal. Eles combinavam, mesmo sendo completamente estranho para mim os enxergar de tal forma. Porém, Lúcio adorava encenar e naquele momento, se fosse alguém de fora, poderia jurar que estava de quatro por Nina, assim como, ela por ele.

Voltei meu olhar para a frente, e a razão de todo aquele momento, fez minha mãe soltar um “uau” baixinho, e eu sorrir. Pablo Marini vinha em nossa direção e sabia que devia existir um ótimo motivo para Cael não ser quem nos

recepçionava. O semblante sorridente de Pablo pareceu se perder, assim como, tomara um ar de mistério que pouco conhecia. Lembrei-me da analogia de minha irmã e mordi a língua para não sorrir. Ele era mesmo a cara do Keanu Reeves.

— Ei, Chia! — falou, e me deu um leve beijo no rosto. — Bem-vinda a família, finalmente!

Sorri, sentindo meu rosto queimar. Sabendo que no fundo estava trazendo além de mim para sua família.

— Olá, dona Clarice. — seu charme fez com que o rosto de minha mãe se tornasse um tomate. No fundo, sabia que ele já a conhecia,

mas nunca imaginei que teria tal intimidade. A história de Nina e Pablo ainda era um grande mistério. Olhei de canto para minha irmã e pensei que a veria fuzilando-o com o olhar, entretanto, ela parecia realmente entretida em fingir que Pablo não existia. — Quanto tempo, não é? — ele indagou, e ela me largou, puxando-o para um abraço.

Naquele momento, sabia que os hormônios faziam festa dentro de mim. De repente, tudo o que queria fazer era chorar. Não sabia sequer explicar o porquê.

Assim que ele e minha mãe se afastaram, seu olhar recaiu em Nina, e a forma como se

encararam, deixara claro que nem em um milhão de anos, aquele amor poderia ser esquecido. Funguei, e tentei segurar as lágrimas. De repente, senti mãos fortes ao meu redor, e agradei internamente pelos momentos perfeitos em que Cael parecia surgir do chão. Ele me abraçou por trás e senti um leve beijo em meu rosto.

— Oi, carinho. — falou, e me virou para si, vendo que estava a ponto de desabar. — Vamos contar logo, se não, vamos acabar pirando. — sussurrou e sorriu em seguida, fazendo o mesmo comigo.

Nos afastamos, e me foquei em vê-lo cumprimentar minha mãe. Ela o conhecia, de

algumas vezes que viera a São Paulo e ela fora até meu trabalho. Entretanto, era a primeira vez que ele não era meu chefe sendo apresentado a ela.

— Seja bem-vindo a família, querido. — ela falou e uma lágrima desceu, sem que pudesse evitar.

Estava ainda mais emotiva, e agradeceu internamente pelo fato de minha irmã, Lúcio e Pablo estarem em uma bolha clara, assim como, minha mãe e Cael. Suspirei, e apenas mudei minha atenção quando a voz de Anne Liv reverberou por todo o jardim.

— Aí estão! — praticamente gritou, e a passos rápidos, veio até nós. Parou ao meu lado e

tocou meu rosto, claramente, tentando me reordenar de forma discreta. — Nossos pais foram buscar algo especial para o jantar e já devem estar chegando. Vamos todos entrar, que tal? — ofereceu, como perfeita anfitriã. — E essa bolinha de pelos... — foi até minha mãe, que sorria abertamente, com Noctis ainda no colo. — Posso pegá-lo? — indagou e sabia o que ela fazia. Encarregamos a ela, a tarefa de armar o planejado e dar o toque final.

Até o momento, mesmo com as emoções à flor da pele, as coisas pareciam se encaminhar. Cael veio até mim, e me puxou para seu corpo, abraçando-me de lado. No fundo, era como se ele

me protegesse de mim mesma. De repente, senti que poderia vomitar ou simplesmente desabar. Começara a perceber o quão sério era o que estávamos fazendo. Cael viera para o seio de minha família, e de repente, tudo parecia se encaixar.



Linda e Tomás Marini me analisavam de forma carinhosa. O abraço que me deram era mais do que convidativo, e poderia ver que suas

mentes trabalhavam a todo vapor para saber o real motivo daquele jantar. Ninguém de fato parecia ter engolid o papo de apresentarmos nossas famílias e oficializarmos o namoro. Qualquer um ali, menos Anne Liv, apostava alto em uma aliança em meu dedo anelar esquerdo, assim como, no de Cael.

Suspirei fundo, sentada no sofá, enquanto todos se aconchegavam. A sala parecia cheia com as pessoas que realmente queria que fizessem parte daquele momento. Nem mesmo a tal noiva de Pablo aparecera, e poderia apostar que existia dedo de Cael. Não tinha absolutamente nada contra a mulher, porém, não lhe tinha apreço para



que fizesse parte daquilo. Vimos, enquanto pensávamos na maneira de como contar, o quanto à espera daquele bebê nos era importante. O quanto nossas vidas já haviam mudado, e que ainda viriam a mudar. Poderia ser algo desnecessário para muitos. Entretanto, para mim, depois de pirar e refletir sobre o que era ser mãe, percebi que queria começar ali.

— Anne Liv está enrolando com o que?

— Pablo perguntou, encarando os tios, que deram de ombro. — Acho que vou subir e ver se ela precisa de ajuda.

— Olhe só, um cavalheiro... — a voz ácida de minha irmã fora ouvida, e o olhar de

Pablo passou para ela, que estava em outro sofá ao lado de minha mãe e Lúcio. Os dois se encararam, presos a si, e segurei uma respiração, esperando que não estragassem o que aconteceria a qualquer instante.

— Então... — Mamãe me surpreendeu, falando mais alto. — Vamos ter anúncio de casamento hoje? — indagou, mesmo já tendo afirmando centenas de vezes que não seria. Ao menos, ela tentava contornar o momento desastroso que seria uma discussão entre Pablo e Nina.

— Mamãe! — reclamei e levei as mãos ao rosto, tentando não rir. — Não vamos nos casar.

Ainda é muito cedo e queremos curtir o momento, nos conhecendo. — falei, tentando parecer que ela já não ouvira o mesmo tantas outras vezes.

— Cael nos disse o mesmo. — Linda se virou para minha mãe, e piscou um olho. — Sempre vi os dois como um casal, e já poderíamos estar pensando na festa! — ouvi Cael bufar ao meu lado, o que me fez sorrir. — Mas é uma escolha apenas deles. Casamento pode ser apenas um nome para algumas pessoas, mas é um compromisso sério. Tem gente que vive exatamente isso, sem ao menos perceber. Não há papel ou celebração que valha mais do que o dia a

dia.

Sorri para Linda, pois suas palavras me pegaram em cheio. Ela realmente parecia me entender. Como se pudesse ler a forma como encarava tal compromisso, mesmo que nunca tenhamos falado sobre. Era bom ter alguém que entendia aquele lado.

— Realmente, há pessoas que consideram apenas um nome. — a voz de Nina soou ainda mais imponente, mas notei que sua acidez se fora. — Como se casar fosse a válvula de escape para todos os problemas. Senhora Marini, o que pensa sobre se casar para se esquecer quem *realmente* ama? — indagou, e o olhar de Linda se tornou

apenas seu, assim como, o de todos presentes.

— Não faça isso, Nina! — Pablo falou e se levantou, assim como ela. Ambos se encararam, e notei que Lúcio não sabia o que fazer.

— Não fazer o que? — enfrentou-o e meu coração deu um solavanco. *Merda!* Aquele era o momento que tentava evitar. Entretanto, Anne Liv ainda não havia descido com Noctis. — Uma simples pergunta? Por que isso te atinge?

— Vem! — falei baixo para Cael, e me prostrei de pé. Ele enlaçou minha cintura. — Bom, temos uma outra notícia para dar, além do compromisso. — falei alto, e todos se voltaram

## PERIGOSAS NACIONAIS

para mim, como se querendo fugir do possível momento caótico entre Pablo e Nina, que ainda se encaravam.

Senti meu estômago revirar e sabia que o nervosismo me atingia com força. Abri a boca para complementar, mas nada saiu. O olhar de Cael se tornou preocupado e ele tocou meu rosto, como se entendendo. Em cinco segundos, vi-me à frente de uma privada, e coloquei para fora tudo que comera pela tarde. Cael estava ali, segurando meus cabelos. Assim que terminei, suspirei fundo, e ele me ajudou a levantar. Sorri para o reflexo, vendo-o. Usei o enxaguante bucal na pia e me escorei na mesma.

## PERIGOSAS ACHERON

— Por que insisti em fazermos isso?

— Porque queria um jeito especial e apenas nosso de contar sobre o nosso filho. — comentou, e passou as mãos por meu cabelo, ajudando-me a recompor. — Ou filha.

— Ou filhas. — rebati, e seus olhos azuis se arregalaram. — Um sonho. Te explico depois. — ele assentiu, e suspirei fundo. — Precisamos voltar, o clima deve ter melhorado.

Saí primeiro que ele, e assim que adentrei o amplo cômodo, entendi porque nem minha mãe ou qualquer outra pessoa fora ao banheiro tentar ver se estava tudo bem. A cena de Noctis, no meio do tapete da sala, com os olhos azuis

analisadores e uma plaquinha branca pendurada no pescoço com os dizeres: “vou ter um irmãozinho humano”, era o suficiente para quebrar qualquer clima. Ali restavam apenas interrogações nas cabeças de todos, assim como, olhares perplexos.

— Queria estar aqui quando Noctis aparecesse, mas... O irmão humano dele quis que eu colocasse o estômago para fora.

— Puta que pariu! — o xingamento de minha irmã foi seguido de um grito, e de repente, ela estava a minha frente, olhando-me carinhosamente. — É sério? — indagou, e surpreendendo-me sobre tudo que esperava, como



piadinhas ou algum deboche, assim que assenti, Nina sorriu e uma lágrima desceu por seu rosto.

Ela me puxou com cuidado para seus braços, ao mesmo tempo que, ouvi alguns gritos e até mesmo choro. Ao meu lado, Cael era abraçado pelos pais, que com toda certeza, eram os responsáveis pelo choro que ouvia.

— Vou ser tia. — Nina falou e tocou minha barriga, analisando-a. — *Deus do céu!* Não sei dizer o que estou sentindo.

— Amor? — indaguei, limpando uma lágrima que descia.

— É muito além disso. — sorri, e a puxei para um abraço novamente.

Senti outros braços ao nosso redor, e não me surpreendera o fato de mamãe nos cobrir. Era o que ela fazia quando éramos mais novas. Cobria-nos com seu amor e força.

— Minhas meninas. — falou, assim que nos separamos e tocou nossos rostos, limpando as lágrimas. Ao contrário de nós, ela parecia tão imensamente feliz que seu rosto se iluminara. — Nossa pequena grande família vai crescer. — comentou e suspirou fundo, descendo as mãos para minha barriga.

— Só queria que fosse especial, desculpem não ter contado de imediato. — confessei, e ambas sorriram.

— Sempre no seu jeito, e agora também, no jeito de vocês. — falou, indicando Cael com a cabeça, que era praticamente esmagado pela irmã. Anne Liv já sabia, mas mesmo assim, parecia reluzente.

— Foi tão inesperado que...

— Colocou Noctis para anunciar a todos.  
— Nina sorriu, mesmo assim, seus olhos continuavam marejados. — Bela jogada, irmãzinha!

— Não é? — indaguei, sorrindo abertamente.

— Está feliz? — a pergunta baixa, pegou-me de surpresa, e olhei ao redor por um instante,  
PERIGOSAS ACHERON

apenas para confirmar o que resplandecia em meu ser.

— Sim. — ambas me puxaram para seus braços novamente. — Feliz e completa.

# Bônus

## o que restou de nós

A handwritten signature in a cursive script, reading "Nina". The letters are fluid and connected, with a long, sweeping underline that extends to the left.

Pedi licença e dei a desculpa do banheiro, mas de repente, encontrei-me do lado da fora da casa dos Marini, em busca de ar. Um turbilhão de sentimentos bons se passavam em meu interior e não era a pessoa que os deixava a flor da pele daquela maneira, a ponto de chorar tão

efetivamente a frente de todos. Entretanto, fora impossível segurar. Por mais que nunca esperasse ser tia e ela o mesmo, um sentimento diferente tomou conta de meu coração no exato momento que Noctis apareceu.

Longe de qualquer circunstância com Pablo e todo tormento acompanhado dele. O meu foco se tornara outro: ia ser tia.

— A mãe de Cael me pediu para te trazer isso. — a voz de Lúcio me pegou de surpresa, e ele apareceu ao meu lado, entregando-me um copo com uísque. — Quando vai me contar o que de fato aconteceu entre você e o tal Pablo? Até os tios dele te adoram.

— É passado. — falei, basicamente tentando convencer a mim mesma. — Mas prometo te contar quando chegarmos em casa, ok? — indaguei, e ele assentiu, dando-me um beijo na testa. Lúcio sendo Lúcio.

— Vou te deixar respirar um pouco. — assenti, agradecendo internamente. Lúcio era meu melhor amigo há tempos e me conhecia muito bem para saber quando precisava da solidão.

Levei o copo a boca e virei parte do líquido. Desceu queimando a minha garganta, mas com toda certeza, era a forma que ajudava a me acalmar. Até mesmo, me recompor e voltar para minha irmã. Queria estar ao seu lado, e mais,

saber como foi tudo desde o início. Mudei meu olhar e de repente, o ar que parecia limpo se tornou denso.

Soltei-o com força e virei o resto da bebida, sem desviar o olhar. Pablo Marini vinha a seus passos certos e destemidos em minha direção, como se fosse o dono de toda aquela situação. Ou até mesmo, como se pudesse contorná-la.

— Parabéns. — falou, com as mãos no bolso e assenti, tentando não soar tão ácida quanto antes. Entretanto, nunca soubera disfarçar meus incômodos.

— Pelo que? — indaguei, e passei um



dedo sobre o copo. — Devia estar parabenizando Chiara, não eu.

— Já o fiz. — respondeu, e deu mais dois passos à frente, parando ao meu lado.

— O jardim é grande o suficiente para nós dois, posso garantir. — falei, sem nunca entender como a mente daquele homem funcionava.

Um dia, pensei que o fizera, e de repente, tudo se quebrara. Cansara de tentar me entender, de lhe entender, e principalmente, de nos entender.

— Só quero fazer uma pergunta. — falou em um tom mais baixo e o encarei.

A profundidade dos olhos castanhos quase negros me pegara, da forma que sempre ocorria. Nunca conseguira resistir a ele, e muito menos, ao que me fazia sentir.

— O que não quer dizer que terá uma resposta. — continuei-o encarando, e ele sorriu de lado, como se já aguardando aquilo.

— Por que se importa em tentar me atingir?

Desviei o olhar e segurei o copo com mais força e por um segundo, pensei que poderia quebrá-lo daquela maneira. Ou até mesmo, arremessá-lo na cabeça do homem ao meu lado.

— Acha que tento te atingir? — indaguei,

e ele assentiu, completamente sério. Apenas nós. Não existia provocação nem deboche. Prezávamos pela verdade e sentia falta daquilo. — Bom, está realmente certo.

— Por que? — insistiu e sabia que precisava sair dali. Todos os sentimentos ao nosso redor e presos ao passado, eram mais do que poderia suportar. Mais do que um dia realmente quis.

— Porque foi tudo que restou.

Dei-lhe as costas e caminhei em direção a casa principal. Deixava para trás muito além de palavras, mas um homem, que um dia me

PERIGOSAS NACIONAIS

considerou como seu amor.

PERIGOSAS ACHERON

# 13

sem dúvidas do que somos

*Chiara*

Semanas depois...

— Pegou todo o necessário? — indaguei,  
e por um segundo, senti que agia feito uma  
maluca.

Meu coração estava angustiado, ainda mais, por saber que seria além de um final de semana. Na realidade, mais de duas semanas longe de Cael. Era algo novo em nossa rotina e sabia que teríamos muito mais. Assim como, eu partiria dias depois que ele chegasse em São Paulo novamente. Era o nosso trabalho e a nossa vida.

— Infelizmente, não tudo. — falou e tocou meu rosto, assim como, minha barriga que já estava grande. — Me acostumei tanto com a gente que estou sofrendo antes mesmo de ir.

— *Ora essa!* Temos um homem apaixonado no recinto. — brinquei, tentando

aliviar a tensão, e enlacei seu pescoço. — Também vou sentir saudades. Aliás, nós vamos. — comentei, e no mesmo instante, Noctis passou por suas pernas. — Mas a nossa vida era assim antes, e não temos como mudar.

— Vamos nos adaptar, eu sei. — falou e puxou-me para si, unindo nossos lábios. — Apenas não me acostumei a não te ter por perto, em todos os sentidos.

— Sem usar seu charme barato para tentar me seduzir e ser sua assistente de novo. — pisquei e toquei seus lábios com os dedos. — Lucas tem feito um ótimo trabalho e sei disso pelo que me fala, aliás, já tenho um emprego.

— Sei que não vai ceder a isso, mas não pode me culpar por tentar.

— Posso sim. — ralhei e toquei sua barba por fazer. — Aliás, mantenha-se atento a todos os olhares.

— Como assim? — indagou e bufei, revirando os olhos.

— Eu sei muito bem o que rola após o último dia de reuniões. — comentei e ele balançou a cabeça.

— Vou estar no primeiro voo de Salvador para São Paulo, tenha essa certeza. — beijou-me novamente, e ouvi o toque de seu celular. — Gouvêa deve ter chegado.



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai lá, CEO! — sorri e por um segundo, quis memorizar cada pequeno detalhe de seu rosto. — Que eu ainda tenho que trabalhar hoje.

— Eu te amo, carinho. — beijou minha testa, e logo, se ajoelhou, dando um leve beijo em minha barriga exposta. — O papai te ama, bebê.

— Precisamos de um apelido. — comentei, fazendo uma careta, ao mesmo tempo que me derretia por suas palavras e toques. — Vou ver se roubo de algum livro.

— Sei que fará o melhor. — levantou-se e me deu um último beijo. Sorri, e disse contra sua boca:

## PERIGOSAS ACHERON

— Também te amo, baby.

Ele piscou, e o segui até a porta, ficando escorada contra a mesma, enquanto ele afagou a cabeça de Noctis, que assim como eu, assisti-o entrar no elevador. Aquela cena clichê em que o casal brigava e um analisava o outro no último instante. Ao menos, não era o nosso. Era apenas um *até logo*, e mesmo assim, meu coração estava pequenininho.

— Pois é, Noct! — comentei, assim que as portas do elevador se fecharam. — Eu, você e seu irmão de novo. — falei, e fechei a porta, sentando-me no chão. — O que isso te lembra? — ele veio até mim, passando as patinhas em

minha barriga. — Com certeza sua mãe pirada e cantando muito sertanejo.

Sorri, passando a mão pela barriga e me lembrando que sequer desconfiava, naquela época, que ali dentro já começara uma vida. Naquela mesma noite em que Cael e eu colocamos um *ponto final*, dentro de mim, um elo eterno se iniciara.

— Vamos para nossa playlist de *bad* agora. — falei, e me levantei, andando até o sofá.

Ainda me restavam uma hora até ter que começar a me arrumar para o trabalho. Selecionei o clipe de Take Your Time<sup>[6]</sup>, e pela primeira vez, tive a certeza, que mesmo com a distância entre

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

nós, existia sentimento. Que nós não éramos contados pelos passos ou quilômetros. Éramos contados por cada segundo que dividíamos longe ou perto. Juntos ou separados. Cael e eu éramos partes de histórias de vida diferentes, cada qual, orgulhoso e quem sabe, frustrado em algum momento. Nos encontrávamos em uma fase que o laço vermelho que nunca imaginei me pertencer, nos puxara para perto de forma a não querer soltar. Não era pelo bebê. Nunca o fora.

Sabia daquilo pelo dia a dia. Pelas horas perdidas e ganhadas juntos. Pelas escolhas feitas antes mesmo de sabermos que seríamos pais. Pelas ideias mirabolantes e o carinho descomunal

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

que ele criara pelo meu gato, como se fosse dele. Pelos jogos de carta na madrugada após fazermos amor ou fodermos loucamente por horas. Pela falta de vontade de sair para jantares chiques e o tanto que os aplicativos de comida lucravam conosco. Pela sinceridade em cada momento. Pelo amor compartilhado sem medo, mesmo contra todas as suposições que poderiam existir.

Cael se tornara a cada dia, além de um amor, o único. A insegurança que existia em mim, permanecia ali, entretanto, trabalhada a cada instante, assim como a sua. Não existia espaço entre nós para sofrer por algo imaginado ou pelo que nos fora causado. Ele não era como o

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

homem que abandonou minha mãe, e por mais que minha mente gritasse *cuidado* para meu coração, minha alma tinha certeza.

Perdi-me tanto em pensamentos, que de repente, já estava em outra música. Sorri, ao ver Alicia Keys<sup>[7]</sup> em frente a um piano. Ainda mais, cantando a minha favorita sua. Levantei-me e peguei o controle como meu microfone, acompanhando-a no mesmo instante.

*“Some people live for the fortune*

*Some people live just for the fame*

*Some people live for the power, yeah*

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

*Some people live just to play the game*  
*Some people think that the physical things*  
*Define what's within*  
*And I've been there before*  
*But that life's a bore*  
*So full of the superficial”*<sup>[8]</sup>

— Agora, Noct! — gritei e seus olhos  
azuis me acompanhavam atentos e soltei a voz.

*“Some people want it all*  
*But I don't want nothing at all*  
*If it ain't you, baby*

# PERIGOSAS ACHERON

*If I ain't got you, baby*

*Some people want diamond rings*

*Some just want everything*

*But everything means nothing*

*If I ain't got you, yeah''<sup>[9]</sup>*

Gargalhei alto e dei um giro, apontando para Noct, ao mesmo tempo que a imagem de Cael deitado naquele sofá, e conosco perdidos um no outro ali mesmo, tomavam conta de minha mente. Pela primeira vez em minha vida, conseguia entender de fato porque apaixonados pareciam tão exagerados pela saudade. Pela



primeira vez, sentia o quanto não me aterrorizava  
o fato de que Cael entrara em minha vida apenas  
para somar. Para ser parte de minha paz.

# 14

uma surpresa no inesperado

*Chiara*

— Eu disse que podia vir sozinha. —  
ralhei, assim que estacionei o carro à frente da  
clínica. Nina bufou ao meu lado, claramente não  
concordando. Era uma briga sem fim.

— E eu já disse que sou sua irmã, cacete!

— rebateu e foi impossível não sorrir. Nina não conseguia disfarçar seu desconforto por algo. Ainda mais, a minha negação de tê-la comigo ali. — E mais, nossa mãe só não veio junto porque surgiu um imprevisto de última hora.

— É apenas um ultrassom de rotina. — falei, tentando convencer a mim mesma.

No fundo, ainda sentia um medo incalculável toda vez que vinha ao médico. Acabara de completar quatro meses e mesmo assim, o medo de que algo pudesse estar errado, me assombrava. Alguns dos vários livros que li, destacavam que mães de primeira viagem tem o medo como aliado constante. Quem dera eu,

encarar aquilo como aliado.

— Pela sua cara de fantasma, sei bem o que está pensando. — falou e notei seu tom mais sério. — Cael também está preocupado e até me ligou para falar sobre. Tem que ficar calma. O bebê está bem, já fizeram infinitos exames. E mais... Vamos descer logo desse carro que eu estou assando! E, quero nem saber da baboseira de descobrir o sexo apenas no nascimento.

Gargalhei alto e neguei com a cabeça.

— Cael acha que sim, mas pelo que li e conversei com a médica por telefone, talvez hoje, possamos descobrir. — comentei e Nina arregalou os olhos. — Quero que seja uma

surpresa para ele.

— Essa é a minha irmã! Ou melhor, uma parte dela. — Nina era realmente impossível. — Mas te ver mais sensível, só comprova que sempre foi a romântica entre nós.

— E duvidava disso? — debochei e ela deu de ombros.

— Está na lista infinita de defeitos que Pablo apontou sobre mim. — comentou e soltou o ar com força. Abri a boca para questionar e ela levantou a mão no segundo seguinte. — Não, não vamos falar sobre isso! Só torço para que chova e todo o casamento seja destruído.

— Eles ainda nem tem uma data! — falei,

e Nina desviou o olhar, como se soubesse muito mais. — Tem?

— Tem sido uma *merda*, isso sim. — confessou e notei o quanto era difícil para ela falar sobre. Todos os dias, tentava adentrar aquele assunto e ela fugia. Queria ser para ela, nem que fosse um por cento, do que sempre fora para mim. Um porto seguro. — É como se procurasse saber mais, e pior, fiquei amiga da sua cunhada, o que não facilita muito.

— Anne Liv não é de esconder o que sabe.

— Na verdade, ela faz questão de me contar, como se para que eu faça algo. —

suspirou profundamente e seu olhar mudou. — Mas foda-se isso! — bateu as mãos no rosto e me encarou. — Vamos descobrir o sexo dessa criança, para que eu possa começar a fazer o bolão com nomes.

— Nina! — reclamei e ela gargalhou alto.

Sáímos do carro e seguimos em direção a clínica. Nina passou um braço sobre meu pescoço e sorri, sentindo-me cuidada. Era algo que vinha acontecendo de todos os lados. Mais do que o normal. De alguma forma, as pessoas pareciam querer estar perto de grávidas, ou no caso de minha família, queriam me proteger até de mim mesma. Era fato que tudo mudara quando se

descobria a gravidez, mas nunca imaginei que seria tão real.

Já completava uma semana que Cael estava fora e a saudade apertava em meu peito. Mais cedo, conversamos brevemente pelo celular e ele me fez prometer que narraria toda a consulta após sair da mesma. Poderia até ser um áudio imenso para que ele pudesse ouvir assim que saísse das reuniões. Sorri, sabendo o quanto ele gostaria de estar ali. Se soubesse o que pediria a médica então, era capaz de se teletransportar no mesmo instante.

Sempre gostei de fazer surpresas, e era algo que se passara em minha mente, desde o



momento em que combinamos de não saber o sexo até o nascimento. Ficara divagando muito sobre aquilo, ainda mais, pelo fato de que seria um grande marco para ambos.

— Obrigada por estar aqui. — falei por fim, e Nina me encarou, sentando-se ao meu lado na recepção. — Acho que estaria a ponto de explodir de ansiedade sozinha.

— Sempre amou fazer surpresas, mas nunca conseguiu ir em frente. Não de forma que a outra pessoa não desconfiasse. Sei disso pelos meus aniversários surpresa nada surpreendentes. — sorri, pois sabia que era um fato. — Se conseguir ver o sexo, acha que vai se conter e não

contar até ele chegar? — indagou e assenti rapidamente.

— É o que espero. — encostei a cabeça contra o estofado macio. — Se der certo, preciso pensar em como vou fazer essa surpresa. — comentei e fiz uma careta. No fundo, era péssima com aquilo.

— Ainda bem que tem uma irmã mais velha perfeita que pode te ajudar. — piscou e levou uma de suas mãos para minha barriga. — Aqui é a tia favorita, vamos guardar esse segredo, bebê.

Balancei a cabeça sorrindo.

— Anne Liv te esgana se ouvir isso. —

Nina deu de ombros, claramente, não se importando.

— Vou ser a tia favorita, disso, não temos dúvidas. — piscou e sorri abertamente.

Minha irmã era um exemplo de pessoa com autoconfiança. Aprendi com ela a ser daquela forma, mas nunca, chegara ao patamar que ela conseguira. Era como se Nina jogasse todas suas inseguranças para debaixo do tapete, e nunca as retirasse de lá. Sabia que era tão humana quanto eu, quanto qualquer um, entretanto, admirava a força que ela mostrava. Ainda mais, por ser real.



— *Tô* achando isso muito foda! — falou baixo, assim que a médica saiu para pegar algo e revirei os olhos, deitada na maca.

— Ela ainda nem mostrou o bebê.

— Mesmo assim, está falando com um fã de Grey's anatomy. E temos que concordar que ela é a cara da Cristina! — comentou e bufei. — O que foi?

— Esqueceu que foi ela quem deu em cima de Cael? — indaguei e Nina mudou o

semblante no mesmo instante.

— Apaga isso! — levantou as mãos em sinal de rendição. — Acabo de lembrar porque tinha ranço da sua médica antes mesmo de a conhecer.

— Pronto!

A voz feminina tomou conta do ambiente e não sabia onde enfiar minha cara. Nina fez a plena, como se não acabara de declarar seu não amor pela outra mulher, e tentei fingir que estava focada na tela ainda em preto do meu lado direito.

— Então, acabamos de completar os quatro meses de gestação. — falou e agradei internamente por ela entender que não funcionaria

com semanas.

— Pensei que ainda faltasse um pouco para isso. — Nina comentou e a olhei com o semblante indignado. Ela não prestava atenção nos detalhes que lhe passava, não mesmo.

— Não, já passamos das quatorze semanas de gestação, portanto, estamos nos quatro meses, e segundo trimestre. — explicou e assenti, mesmo sabendo que quando se tratava da gravidez, com certeza, não era mais de exatas. — Então, vão querer mesmo saber mais sobre o bebê? — indagou e abri a boca para responder, mas não soube o que dizer.

O que Cael e eu conversamos e

combinamos com ela antes, era sempre saber apenas se o bebê estava bem. Nunca falamos abertamente do que poderíamos não saber.

— O *mais* quer dizer o sexo, não é? —  
indaguei e ela assentiu.

— Como não tem caso de gêmeos na família, não levantei essa questão. — comentou e arregalei os olhos. — Porém, cabe a vocês decidirem se querem ou não saber sobre. Sempre me pediram sigilo sobre tudo.

— Nunca soube que *tudo* incluía isso. —  
soltei e o sonho que tivera há várias semanas, me arrebatou com força.

— Chia... — Nina tentou falar, mas não

lhe dei ouvidos.

— Quero saber tudo! — falei, já sentindo a ansiedade me consumindo.

— Pois bem. — a médica piscou e começara a fazer seu trabalho. A mágica aconteceu. — Ali está o bebê que sempre vemos. — comentei e encarei a tela, com os olhos marejados. — Mas algo que nunca indiquei e percebi na última ultrassom foi que ele cobria o outro, não dando a visibilidade que precisávamos para notar.

— O que? — Nina praticamente gritou, enquanto fiquei paralisada, encarando a tela.

— São meninas? — indaguei, deixando as



lágrimas descerem. A médica me encarou e sorriu, assentindo.

— Instinto materno nunca falha. — comentou e mudei meu olhar para Nina, que me encarou perplexa, e trazia consigo, lágrimas no rosto.

— Nosso progenitor era gêmeo. — falou baixo, e tudo fez ainda mais sentido em minha mente. Sequer sabia sobre aquilo.

— Isso faz todo sentido. Querem ouvir os corações? — indagou e assenti, já sem conseguir me conter.

*Tum tum tum...* Dois sons praticamente iguais ecoavam pela sala. Ora uma, ora outra.

Meu coração quase saía pela boca. E em minha mente apenas repassava que não existia surpresa maior que aquela. A melhor surpresa em todo inesperado de ser mãe. Eram duas partes de mim expostas, tendo voz. As melhores, com toda certeza.

# 15

entre nós

*Cael*

Casa.

Sorri ao finalmente adentrar o elevador do prédio de Chiara. Por mais que ainda não a tivesse convencido a morar comigo, ou me mudado para sua casa. Sabia que onde ela

estivesse, poderia chamar de lar. Era estranho, porque nunca imaginei que em tão pouco tempo tudo estaria assim. Porém, se transformara.

Todos os dias era o que tentava transparecer, e sentia que ela fazia o mesmo. Não era pelo filho que esperávamos, existia o nós em toda equação. Estar com Chiara, quase todas as noites e manhãs, mostrava-me o quanto sempre quis algo e nunca percebi. E o quanto, era valioso o que tinha em mãos. Um amor verdadeiro não era algo que se encontrava esporadicamente. Nunca pensei que encontraria.

Porém, lá estava *ele*, justamente *nela*. A mulher que sempre me pareceu proibida. Suspirei,

quando finalmente, o elevador parou. Duas semanas longe apenas reafirmaram o que já tinha plena certeza: não era pelo sexo. Não teria como ser. Era sua presença. Seu abraço e seu laço sem querer me soltar. O que tínhamos era cultivado e realmente, *gostava* de lhe dizer aquilo. Porque mesmo sem procurar amor, encontrei-o no momento em que meus olhos bateram nos seus há seis anos. Talvez o amor realmente estivesse relacionado ao momento certo. E ali estávamos.

Sorri ao encontrar Nina saindo do apartamento de Chiara, e parei para cumprimentá-la.

— E aí, Tony? — indagou, dando-me um

leve beijo no rosto. Apenas sorri, pois sabia que aquele era seu jeito de me chamar, nada mudaria.

— Como foi de viagem?

— Olá, Nina. Bom, muito trabalho... e saudade. — ela revirou os olhos e acabei sorrindo. Nina era completamente avessa a tais demonstrações. — Veio fazer companhia a Chiara? — perguntei, já que Chia sequer mencionou o fato de a irmã estar em São Paulo.

— Na verdade, estou mais para fada madrinha hoje. Ou titia madrinha. — olhei-a sem entender. — É bem simples, vai me dar sua mala, e vou te vender. Aí, vou abrir a porta e depois, Chiara vai te guiar pelo apartamento.

— Uma surpresa? — perguntei, já desacreditado. Raramente alguém o fazia para mim.

— Exatamente, Sherlock! — provocou e levantou a venda preta em suas mãos. — Então, posso?

Assenti, e lhe entreguei a mala. Não entendia ao certo o que acontecia, mas se poderia esperar algo de Chiara, sabia que era bom. Qualquer coisa, por simplesmente tê-la por perto, seria-me o suficiente.

Nina me vendou e de repente, apenas continuei parado.

— Um segundo. — pediu, e ouvi a porta

sendo aberta.

Um cheiro característico me atingiu segundos depois e sabia que Chiara estava por perto. Ou melhor, a poucos passos.

— Ei, baby.

Sua voz baixa chegou a meus ouvidos e ela tocou meu rosto com carinho, dando-me um leve beijo. Não pude resistir, e o aprofundei. A saudade que sentia, apenas contribuía para que minhas mãos a puxassem para mais perto. Assim como, toquei sua barriga, sentindo-me próximo de nosso filho mais uma vez.

— Vem! — pediu, quebrando o beijo e a segui, sendo levado com cuidado pelo



## PERIGOSAS NACIONAIS

apartamento. — Não é como se você não conseguisse se virar aqui, já que sabe o trajeto de cor, mas... Vai entender depois. — suspirou fundo e me guiou até o que senti ser o balcão da cozinha.

De repente, me indicou a banqueta colocando minha mão sobre a mesma para reconhecê-la e pediu para me sentasse.

— Bom, temos duas coisas a sua frente e... Ok, não sou boa nisso, mas saiba que está sendo gravado. Então... Sinta-se pressionado a descobrir o que significa! — comentou e gargalhei, sabendo que sutileza não era o seu forte.

## PERIGOSAS ACHERON

— Senti saudades, carinho. — falei, ainda com sua mão na minha.

Ela me deu um leve tapa no braço e beijou minha bochecha em seguida.

— Palavras fofas não vão te ajudar aqui. — transformou-se em uma ditadora e apenas sorri. — Aqui, é uma colher.

Peguei o utensílio e engoli em seco. Poderia esperar de tudo, menos o que acontecia naquele exato momento. *O que Chiara estava aprontando?*

— Vou pegar algo com a colher e daí, você tem que experimentar e me dizer o que é. — explicou e assenti.

— Nada de pimenta, certo? — indaguei e ouvi seu riso baixinho.

— Apenas coma. — pediu, como se ansiosa para que o fizesse.

Então, ela colocou a colher novamente em minha mão, e senti-a mais pesada. Mesmo desconfiado, levei-a a boca, e o suave sabor de banana me atingiu. Parecia exatamente o que comia quando pequeno.

— Parece a papinha que minha mãe fazia. — falei, e tentei raciocinar sobre. — Carinho, já sei que estamos grávidos.

Ela gargalhou alto, e retirou a colher de minha mão.

— Bom, já que sabe tudo... Talvez queira experimentar a próxima. — falou e logo senti outra colher em mãos.

— O que eu ganho se acertar a segunda?  
— indaguei, e parei com a colher a poucos centímetros da boca.

— acredite, você vai gostar de saber.

— Ok, confio em você.

Ouvi seu suspiro e levei a colher a boca, e o mesmo gosto me atingiu. Por alguns segundos apenas fiquei indagando o que poderia significar. Mas nada me veio em mente.

— É papinha de banana. — comentei. —

A mesma que minha mãe sempre deu a Anne Liv

e eu...

Parei de falar, e no segundo seguinte, a venda foi retirada de meus olhos. Minha mente girou, quando comecei a juntar os pontos, e principalmente, quando meus olhos recaíram para barriga exposta de Chiara, que levava o escrito: *aqui batem dois corações*. Em seu colo, ela pegara Noctis, que como sempre, fazia parte do momento. Com a plaquinha da vez, apenas senti meu coração falhar uma batida.

*Duas irmãs humanas, como vou fazer?*

Saí da banqueta e parei a sua frente,  
PERIGOSAS ACHERON

caindo de joelhos em seguida. As lágrimas me cegavam, assim como, a ela. Em meio aos sorrisos que eram gigantes entre nós. Nunca me imaginei naquele exato momento, mas sabia, que não existia outra pessoa no mundo, com a qual, queria e poderia compartilhá-lo.

Era ela, sempre fora.

E para sempre seria... amada por mim.

*“Um fio invisível conecta os que estão destinados  
a conhecer-se...*

*Independentemente do tempo, lugar ou  
circunstância...*

*O fio pode esticar ou emaranhar-se,  
mas nunca irá partir.*”[\[10\]](#)

# Epílogo

e ela disse talvez

*Chiara*

Meses depois...

O amor era mais complicado do que pensara, e até mesmo, muito mais intenso.

Por vários momentos, vi-me perguntando



em como seria o futuro e estava feliz como me encontrava. Uma família incrível, uma carreira estável e um gato para chamar de meu. Tudo parecia em seu lugar, até meu coração acelerar pelo que *não* deveria. Meus sentimentos gritaram, ao mesmo tempo que os dele se descobriam. Pela primeira vez, encontrei-me em um empasse com Cael Marini.

Suspirei, encarando os dois pequenos pacotinhos adormecidos no berçário – Érica e Elisa. *Combinar nomes de gêmeos já era considerado cafona?* Toquei o vidro que nos separava e suspirei, imaginando o momento que as levaria dali. Sabia que não demoraria muito,

entretanto, era ansiosa demais para me conter. Faziam algumas horas que vieram ao mundo, e mesmo em uma cadeira de rodas, devido à exaustão, ali estava.

— Elas são perfeitas. — sussurrei e senti um leve um carinho em minha bochecha.

Suspirei fundo, indagando-me de como tudo seria caso não tivesse esbarrado com Cael naquela exata manhã na AIA, e toda a cena do restaurante se sucedido. Teríamos voltado a nos falar de um jeito ou de outro, era um fato. Talvez ele me procurasse, talvez desistisse. Porém, algo nos uniria, mesmo que não como casal. Nossas filhas seriam descobertas em algum momento, e

seria um elo a ser contado. O que se sucederia depois daquilo, caso não tivéssemos nos unido antes, não tinha ideia. Porém, toda minha mente apenas conseguia focar que era naquele exato momento que queria estar.

Sentia-me livre para amar, na intensidade que nunca imaginei ser possível. Sua mão estava em meu ombro, como se para me apoiar. Sabia o quanto os meses passaram em um estalar de dedos, e a forma como tentávamos a todo custo conciliar nossas vidas. Sua carreira o levava para viagens fora, assim como a minha. De repente, as mensagens em horários variados eram tudo o que tínhamos em um dia. Entretanto, por mais pouco

que parecesse, ainda éramos nós.

A nossa vida não era resumida a um conto de fadas que se acaba após o casamento e felizes para sempre. Tínhamos nosso eu próprio, e gostávamos daquilo, como Cael mesmo diria. Gostávamos de nos encontrar no meio do caminho. De nos pertencer, e principalmente, de nos querer. Por muitos momentos, ainda mais, quando sentia tudo à flor da pele, indagava-me se ele realmente me amava. Se eu realmente o amava. Qualquer dúvida se dissipava quando seus olhos azuis me encontravam. Gostava do depois do beijo apaixonado. E principalmente, do que construíamos a cada dia.

De apartamento em apartamento, a gêmeas fazendo a festa na barriga, aulas de parto, livros infinitos sobre gravidez, e declarações nos momentos mais simples. Lembrava-me claramente, no momento em que Cael voltara a falar sobre casamento, e como aquilo, tocara meu coração.

*Minha barriga sobressaía na água, e passava espuma sobre a mesma.*

*— Parece que elas crescem o dobro a cada dia. — comentei, e Cael sorriu, sentado do lado de fora, ainda com a roupa do trabalho. Ele acabara de chegar, enquanto eu já me apossava de sua banheira maravilhosa. — Aliás, como foi*

*seu dia? — indaguei, e naqueles momentos, percebia o quanto parecíamos em um passo além do declarado.*

*Rótulos, ao fim, poderiam significar nada. Éramos além de namorados. Além de pais das gêmeas inesperadas.*

*— Cansativo. — deu-me um leve beijo, e passou a mão por meus cabelos que deixara presos em um coque. — E o seu?*

*— Tirando o fato da dor nas costas e que não sei mais em que posição ficar confortável na cadeira maravilhosa que ganhei na empresa, tudo ótimo. — comentei e ele sorriu amplamente.*

*Existia algo entre pessoas e a forma como*

*adotavam grávidas para si. Todos do setor jurídico da AIA, pareciam me querer em seu potinho, e no fim, as gêmeas já eram mimadas antes de nascerem. Perdi a conta de quantos presentes ganharam. Felizmente, uma cadeira maravilhosa e mais confortável veio a tiracolo. O que era um mimo para a mamãe que já parecia a ponto de estourar. No caso, eu mesma.*

*— Eles te mimam. — falou e assenti.*

*— Nem consigo imaginar como seria se estivesse na Marini. — provoquei e Cael revirou os olhos.*

*— Não estaria no trabalho, com certeza.*

*— E faria o que? — indaguei incrédula.*

— *Ficar em casa assistindo ou lendo “o que esperar quando se está esperando”, pela centésima vez?*

*Cael gargalhou e o encarei com carinho. Não sabia ao certo como abordar tal assunto, mas os poucos minutos que ficara sozinha no apartamento antes que chegasse, me fizeram explorar um pouco mais de seu escritório, devido a simples curiosidade. Sabia que ele tinha coleções de jogos incríveis, até mesmo, um, no qual encontrara o nome de Noctis. E fora justamente em sua coleção especial de games, que encontrei algo que não deveria.*

— *Conheço esse olhar e essa quietude. —*



*começou a falar e respirou fundo, abrindo alguns botões da camisa. — Sei que mexeu na minha coleção de Final Fantasy.*

*Abri a boca para me explicar, mas me calei no segundo seguinte.*

*— Tão óbvio assim? — indaguei e ele assentiu, sorrindo.*

*— Nunca deixo daquela forma, sou minucioso. Ainda mais, pelo que escondi. — mordi o lábio inferior, e ele tocou levemente meu queixo, forçando-me a olhá-lo. — Foi em um momento na viagem, meses atrás.*

*— Jura? — indaguei e ele assentiu.*

— *Vi a aliança em uma vitrine e só consegui pensar em você. — confessou. — Escondi porque não ia te pressionar sobre. Já entendia o que queríamos fazer, ao mesmo tempo, que queria mais.*

— *Se casar, tem certeza? — perguntei, mesmo que já soubesse a resposta.*

— Lembra aquele dia na banheira? — indaguei, enquanto voltávamos para meu quarto, e ele empurrava a cadeira de rodas. — Quando me disse que já éramos casados.

— Claro que sim. — falou, e logo entramos no quarto.

Cael se sentou na poltrona e parou a  
PERIGOSAS ACHERON

cadeira, deixando-nos frente a frente.

— Foi naquela noite que te disse *talvez* pela primeira vez. — confessei e ele pareceu incrédulo. Os olhos azuis se tornaram analisadores. — Você dorme feito pedra, e enquanto refletia sobre o que disse, entendi que também queria aquilo, porque já o vivia.

— Chia...

— Sei que temos um bom tempo para isso. Um bom tempo para pirarmos com duas bebês recém-nascidas e nos adequar à nova vida. Mas tem um quarto delas no meu apartamento, assim como no seu. Só consigo pensar que Nina precisa de um lugar em São Paulo e... Bom, não

conheço ninguém melhor para cuidar do meu canto.

— O que quer dizer com isso, carinho?

Ele pareceu nervoso e tocou minhas mãos com as suas, e notei que tremiam.

— Acho que estou te pedindo em casamento. — sorri abertamente e ele fez o mesmo, como se incrédulo. — Mesmo já sabendo que vivemos dessa forma e temos muito. Não quero um casamento pelo papel, religião, aliança ou sobrenome. Quero a gente, desse jeito, com uma celebração marcando o momento que escolhemos. Mesmo que já tenhamos nos escolhido antes.

— Com Noctis levando as alianças? —  
indagou e levou uma mão até meu rosto,  
limpando uma lágrima que sequer notei descer.  
Sorri baixinho, imaginando a cena.

— Temos que treinar ele para esse  
momento. Ou até mesmo, uma das meninas pode  
levá-lo no colo. Sem pressa, já temos o bastante.  
— comentei e Cael suspirou profundamente. —  
Vejo como você me vê.

Ele uniu nossas testas e sorriu. Notei seus  
olhos marejados e entendi que era aquilo que  
queria. Era como ele nos definiu algumas  
semanas atrás, naquele banheiro.

— *Celebrar, carinho.* — *sua voz soou*

*mais amena, enquanto massageava meu coroa cabeludo. — Um dia, quero que me veja como te vejo. Quero celebrar nosso amor em um momento, um dia específico... Pode parecer sem porquê, mas para mim, tem significado. Marcar o momento, como fazemos nos mais simples. Não me importa se vai estar vestida de preto, branco ou cinza. Só nós, frente a frente, todos que amamos ao redor... Gosto disso, Chia. Já sinto que somos casados pela vida que levamos, e o que quero, é celebrar. Celebrar nosso amor. Finalmente entendi o que casamento significa... ao menos, para mim. E é por isso que quero me casar com você.*

— Apenas diga *talvez*, carinho. — pediu e sorri, sabendo do que se tratava.

— Talvez.

Uniu nossos lábios e sabia que era nosso momento. Algo apenas único. Aquele era o romance que no resumia. Uma história que teria orgulho de contar para as pequenas que dormiam há poucos metros dali. A minha história de amor.

*Fim*

Espero que tenham se divertido e se emocionado com o desenrolar da história de Chiara e Cael. *E agora? O que vem a seguir?* A resposta é **SIM**, para quem estiver esperando spin-offs. Bom, como já teve a deixa, começaremos com o Nina e Pablo – **O Nosso Fim**. O livro estará disponível em breve na amazon.

**Não se esqueça de avaliar o livro, para que possa saber o que pensou, sentiu e o que Chiara e Cael estão passando para cada um. Isso ajuda com que outros leitores também conheçam a história.**



E caso queira conhecer algum outro romance meu, eles estão todos disponíveis aqui: [ebooks](#).

E a você, leitor, que me deu essa oportunidade,  
meu **muito obrigada**.

Espero que até a próxima!

*Aline Pádua*

# Contatos da autora

E-[mail](#) - [Site](#) - [Spotify](#)

Wattpad: @AlinePadua

Instagram: @alineapadua

Facebook: Aline Pádua

Meus outros livros: [aqui](#).

---

[1] Texto retirado do link:

<https://www.instagram.com/p/BynW1yMpaW9/>

[2] Sam Lowry Hunt é um cantor americano country, compositor e ex-jogador de Futebol americano universitário. Fonte: Wikipédia.

[3] “Eu não quero roubar sua liberdade/Eu não quero fazer você mudar de ideia/Eu não tenho que fazer você me amar/Eu só quero tomar o seu tempo/Eu não quero encher seu telefone/Eu só quero encher sua mente/Eu não tenho que ter o seu coração/Eu só quero tomar o seu tempo/Não, eu não tenho que chamá-la de "baby"/E eu não tenho que

# PERIGOSAS NACIONAIS

chamá-la de minha/Eu não tenho que ter o seu coração/Eu só quero tomar o seu tempo.” Take Your Time – Sam Hunt

[4] A Whole New World" (“Um Mundo Ideal”) é uma música do filme de 1992 Aladdin da Disney, composta por Alan Menken e escrita por Tim Rice. Fonte: Wikipédia.

[5] “Visões inacreditáveis

Sentimentos indescritíveis

Planando, caindo, rodopiando

Em um infinito céu de diamante.”

A Whole New World (2019) – Aladdin

[6] Take Your Time " é uma canção co-escrita e gravada pelo cantor americano Sam Hunt. Fonte: Wikipédia.

[7] Alicia Augello Cook, (Manhattan, 25 de janeiro de 1981) mais conhecida como Alicia Keys, é uma cantora,

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

pianista, compositora e atriz norte-americana. Fonte: Wikipédia.

[8] “Algumas pessoas vivem para a fortuna/Algumas pessoas vivem apenas para a fama/Algumas pessoas vivem para o poder, yeah/Algumas pessoas vivem apenas para jogar o jogo/Algumas pessoas pensam que as coisas materiais/Definem o que elas são por dentro/Eu já me senti assim antes/Mas a vida era sem graça/Tão cheia de coisas superficiais.” If I Ain't Got You – Alicia Keys.

[9] “Algumas pessoas querem tudo/Mas eu não quero absolutamente nada/Se não for você, querido/Se eu não tiver você, querido/Algumas pessoas querem anéis de diamante/Algumas apenas querem tudo/Mas tudo não significa nada/Se eu não tiver você, yeah” If I Ain't Got You – Alicia Keys.

[10] Akai Ito – Provérbio Japonês.

# PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON